

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - PROURB

Gabriella Savine Zubelli

O CAMINHANTE URBANO
Entre o pensamento e o sonho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Professor Carlos Murad

Rio de Janeiro
2009

O CAMINHANTE URBANO

Entre o pensamento e o sonho

Gabriella Savine Zubelli

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada por:

Prof. Dr. Carlos Alberto Murad – orientador
PROURB/FAU-UFRJ

Prof.^a Dr.^a Ivete Mello Calil Farah
PROURB/FAU-UFRJ

Prof. Dr. Celso Pereira Guimarães
PPGAV/EBA-UFRJ

Rio de Janeiro
2009

Z93

Zubelli, Gabriella Savine,

O caminhante urbano: entre o pensamento e o sonho/
Gabriella Savine Zubelli. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

102f. 30 cm.

Orientador: Carlos Alberto Murad.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de
Pós-Graduação em Urbanismo, 2009.

Referências bibliográficas: p.100-102.

1. Urbanismo. 2. Espaço urbano. 3. Imaginário. 4.
Devaneios. 5. Poética. I. Murad, Carlos Alberto. II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação
em Urbanismo. III. Título.

CDD 711

AGRADECIMENTOS

Ao Prourb, pela oportunidade de absorção e disseminação do conhecimento dentro deste grande centro referencial de arquitetura e urbanismo,

Ao CNPq, pela concessão de bolsa de estudos,

Ao orientador Carlos Murad, pela dedicação e orientação deste projeto,

Ao corpo docente desta instituição,

Aos amigos e família, pelo apoio e constante presença incentivadora no desenvolvimento deste projeto e conclusão desta grande e importante etapa.

RESUMO

A presente dissertação trata dos conceitos ligados ao caminhar urbano, ao ato de caminhar associado à construção das percepções, apreensão do imaginário e o intermédio do corpo, passando por questões do caminhar nos grandes centros, nas construções urbanas da arquitetura, juntamente com uma abordagem devaneante e poética. A concepção do ato de caminhar como um ato de ler e escrever o espaço urbano auxiliando na compreensão dos processos sutis que transformam a cidade, o ser e a arquitetura através dos tempos.

Palavras-chave: urbanismo; imagem poética; caminhar; imaginário; devaneio

ABSTRACT

The present work approaches concepts connected to the urban walking, the act of walking associated with the construction of perceptions, capture of the imaginary and the participation of the body, discussing the matter of walking in the great urban centers, in the urban constructions of architecture, along with an daydreaming and poetic approach. The comprehension of walking an act of reading and writing the urban space helping the comprehension of the processes the transform the city, the being and architecture throughout the time.

Key-words: urbanism; poetical image; walk; imaginary; daydream

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	08
2 – PENSANDO O CAMINHAR	12
2.1 - Construindo percepções	15
2.2 - Apreendendo o imaginário	20
2.3 - O intermédio do corpo	25
3 - O VÔO DA BORBOLETA	32
3.1 - Com os pés no chão	33
3.2- As paredes perceptivas: Continuidades e Limites	41
3.3 - A malha e as interligações urbanas: Fluxos, espaço, tempo e lugar	50
4 – ARQUITETURA DO VÔO	59
4.1 - O habitar e o construir	62
4.2 – Compassos e mutações	75
5 – A POÉTICA DAS ASAS	81
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7 – ANEXO	96
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

“No homem, tudo é caminho”

Gaston Bachelard

1. INTRODUÇÃO

O texto em questão tem a proposta de oferecer uma experiência de leitura abordando as distintas nuances do caminhar urbano, mesclando as apreensões de poetas, arquitetos e filósofos.

Este trabalho é centrado em questões de como o homem enxerga e percebe a cidade, a partir de seus valores e significados, onde o homem é o ator principal na arquitetura e a cidade é o palco de suas realizações. O homem idealiza e a arquitetura realiza. Assim, o caminhar se torna o mediador entre a cidade e o indivíduo.

Dentre as diversas motivações possíveis, o caminhar foi estudado a partir duas vertentes: uma pragmática, direcionada ao pensamento e outra devaneante, direcionada ao sonho. No desenvolver do texto, são questionados os limites entre essas vertentes, passando por questões associadas ao tempo, espaço e a relação corpo-movimento. Essas vertentes se interpenetram a todo momento na consciência do caminhante, seja objetivamente ou subjetivamente. A forma de agrupar o pensamento no decorrer do texto possui uma estrutura rizomática, em temas que se entrelaçam entre si.

Os principais autores abordados foram Gaston Bachelard, Kevin Lynch, Paola Jacques, Carlos Murad, Rubem Braga, Hilton Japiassú, François Zourabichvili (citando Deleuze), passando também por abordagens de Marilena Chaui, Maurício Plus, Walter Benjamim, Richard Sennett, Yi-Fu Tuan, Jane

Jacobs, Carlos Santos, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Italo Calvino, Pablo Neruda, Cristovão Duarte e Ivete Farah.

O primeiro capítulo, teórico, aborda o ato de caminhar associado à construção das percepções, apreensão do imaginário e o intermédio do corpo. Abordando principalmente a maneira como ocorre a impulsão do movimento de caminhar, indo desde o desejo físico do movimento, até o ontológico.

A metodologia aplicada nos capítulos 2, 3 e 4, foi a criação de uma narrativa a partir da apropriação do conto de Rubem Braga “*A Borboleta Amarela*” juntamente com a criação do personagem *O caminhante urbano*, sendo este o guia para expressar a compreensão das diferentes leituras do caminhar e suas reflexões. Para o palco dessa expressão, temos o centro da cidade do Rio de Janeiro, num trajeto focado em três locais, com três ritmos e temporalidades distintas: a primeira abordando questões no centro urbano e seu ritmo acelerado, a segunda questões dos valores arquitetônicos, num ritmo moderado e a terceira os valores naturais, num ritmo desacelerado.

Assim, o capítulo 2 é chamado de *O Vôo da Borboleta*, caminhando nos grandes centros urbanos, passando por questões sobre o pragmatismo urbano *versus* fábula, o pensamento e o sonho; as continuidades e limites físicos e não físicos; as interligações da malhas; a relação entre os fluxos, espaço, tempo, lugar e território.

O capítulo 3 é chamado *A arquitetura do vôo*, associado diretamente às construções urbanas na arquitetura, abordando questões sobre o habitar e o construir com seus elementos arquitetônicos; as variações do ponto de vista, e

as mudanças do caminhar; a casa interna e externa, o labirinto, as memórias e os caminhos; compassos e as mutações, com seus ritmos e mudanças físicas e não físicas.

O capítulo 4 é chamado *A poética das asas* abordando questões do caminhante em devaneio, associado com os ritmos internos do ser e da terra, numa abordagem devaneante e poética.

O capítulo 5 é o conclusivo, e o 6 o anexo que leva o texto original de Rubem Braga.

Desta forma, o ato de caminhar vai aos poucos, nos mostrando suas diferentes facetas, nos permitindo a compreensão dos processos de transformação internos e externos, assim como físicos e oníricos, os quais contribuem para os processos de mudança da cidade, da arquitetura e do ser, em suas respectivas temporalidades.

“Onde há uma vontade, há um caminho”

Gaston Bachelard

2. PENSANDO O CAMINHAR

Este capítulo procura trazer as linhas de pensamento e a base filosófica do caminho seguido no desenvolvimento dessa dissertação. O ato de caminhar aparece associado às questões físicas e imaginárias, onde passo a passo, filósofos, poetas, arquitetos e urbanistas vão surgindo permeados a reflexões sobre o caminhar na cidade. O movimento escrito flui por trajetos, trajetórias, ruas, estradas, cidades, labirintos e outros caminhos. Discutiremos as diferentes questões e fatos ligados à dimensão perceptiva e imaginária, passando pelo ato de caminhar, pela construção de percepções e apreensão do imaginário, pelo intermédio do corpo e os diferentes ritmos do caminhar.

Uma das características do ser humano é a impulsão ao movimento. Esta impulsão parece obedecer a diferentes motivações, que vão desde o desejo físico de locomoção, até o ontológico: a vontade intrínseca de mudança. Dentre os distintos modos de se realizar esta impulsão, está o ato de caminhar.

Quando nos movimentamos fisicamente, geramos mudanças de realidade, de perspectiva, de percepções, de objetivos, de resultados, dentre outros. Na ancestralidade, isso ocorria pela busca de alimento e pela vontade de explorar e de se relacionar com o meio. Caminhando, os primeiros humanos desbravavam continentes, delimitavam fronteiras,

territórios e lugares. E o homem aprendia a lidar com o espaço. Instintivamente, em qualquer período histórico, ele buscaria explorar e aventurar-se pelo espaço. Esse deslocamento, envolve mais do que a movimentação dos membros e da busca da resolução das necessidades básicas de sobrevivência. Engloba também, a maneira do ser interagir no espaço e com todos à sua volta, como nos mostra Japiassú, comentando Aristóteles:

“Aristóteles define o movimento como passagem de potência a ato, distinguindo: o movimento como deslocamento no espaço; como mudança ou alteração de uma natureza; como crescimento e diminuição; e como geração e corrupção (destruição).” (JAPIASSÚ, 1989, p.195)

Ao caminharmos, nos deslocamos no espaço em uma determinada relação de tempo. As diferentes relações entre caminhar, espaço e tempo nos conduzem a diversas leituras do espaço e do Ser. A partir da relação entre o homem e o espaço, surge o caminho, o tracejar, a trajetória. O homem passa então a construir um sistema de relações efêmeras entre a sua vida, a natureza e o espaço. O espaço torna-se um objeto de especulação intelectual e intuitiva, definindo sistemas de valores simbólicos através dos modos do caminhar e da apreensão dos territórios percorridos.

Ao longo dos tempos a relação homem-espaço foi se desenvolvendo, se modificando e se urbanizando, sobre diferentes formas coletivas de convivência. As relações humanas tornaram-se mais complexas,

construindo-se o espaço urbano, que passou a fazer parte da criação das cidades.

Caminhar tornou-se uma ferramenta de construção da identidade do homem com o espaço e a cidade, onde as relações móveis e estáticas vão se sucedendo de maneira individual e coletiva. O modo como elas acontecem e coexistem vão além das escolhas funcionais, utilitárias e pragmáticas das trajetórias e dos percursos. Nessas variantes complexas o indivíduo constitui e é movido pelos seus desejos ontológicos e pela relação com o habitar e a cidade. O caminhar é um ato de construção e desconstrução, de mudança e alteração da natureza e do espaço urbano.

Observamos, sentimos e refletimos sobre o mesmo espaço físico através de formas diferenciadas. Na captura das imagens através da consciência, nem todos os elementos que compõem tal espaço são essenciais. Alguns têm destaque e são escolhidos por visões de potenciais oníricos contidos na natureza urbana:

“(...) são aqueles em quem o seu olhar “marcou” atraído pelos seus potenciais oníricos fotogênicos.” (MURAD, 1998, p.7).

O olho que observa está sempre a criar novos caminhos, recortes iluminados e novas perspectivas de visão. Ao caminhar, nosso olhar percorre trajetos. Então escolhemos nossos recortes, os quais se transformam em material onírico para o devaneio, que transcende os valores físicos da realidade.

Existem formas variadas de se perceber, sentir e interiorizar o espaço. Um fotógrafo “criador” provavelmente terá seus recortes direcionados ao olhar; um deficiente físico abordará questões inclusivas e exclusivas; já um cego irá apreender essas imagens no seu imaginário pessoal a partir dos seus sentidos aguçados que suprem a ausência da visão, e um dançarino talvez recortará a partir da consciência do potencial máximo do seu corpo em relação ao espaço. Todos irão poetizar e se apropriar do espaço de uma maneira única e individual.

“O habitante “poetizador”, após incorporar no seu imaginário pessoal as múltiplas imagens da cidade irá ‘imprimir’ o produto de sua olhcriação sobre o corpo da cidade.” (MURAD, 1998, p.8).

Quando olhamos, escolhemos, enquadramos, selecionamos e assim imaginamos e criamos continuamente a cidade. Ao olhar e caminhar experimentamos imagens urbanas e o movimento da cidade e do tempo. Nesse movimento de escolha e apreensão, ocorrem instantes em que o passado se dissolve e o momento presente se destaca.

2.1. Construindo percepções

Ao caminhar, construímos percepções, tanto sobre o mundo físico quanto sobre o imaginário. Percebemos e sentimos interna e externamente

o espaço à nossa volta. Segundo Chauí, o conhecimento ou experiência sensível tem em suas formas principais, a sensação e a percepção.

“A sensação é o que nos dá as qualidades exteriores e interiores, isto é, as qualidades dos objetos e os efeitos internos dessas qualidades sobre nós.” (CHAUI, 2003, p.132)

Sentimos ambigualmente:- externamente possuímos as qualidades puras e diretas das coisas, como cores, odores, sons, sabores, temperaturas, texturas, etc. e, internamente, o que ocorre em nosso corpo e mente quando estamos em contato com coisas, como alegria, tristeza, prazer, dor, etc.

“(...) a sensação é uma reação corporal imediata a um estímulo externo ou a uma excitação externa, sem que seja possível distinguir, no ato da sensação, o estímulo exterior e o sentimento interior.” (CHAUI, 2003, p.132)

A percepção seria então uma síntese de sensações simultâneas, sendo sempre uma experiência dotada de significação. É uma relação do sujeito com o mundo exterior, o qual é composto de um somatório de coisas isoladas, organizadas em estruturas complexas, dotadas de sentido.

“O mundo percebido é qualitativo, significativo, estruturado e estamos nele como sujeitos ativos, isto é, damos às coisas percebidas novos sentidos e novos valores, pois as coisas fazem parte de nossa vida e nós interagimos com o mundo.” (CHAUI, 2003, p.135)

A forma física dessa interação é através das relações entre o mundo e o nosso corpo, o corpo dos outros sujeitos e o corpo das coisas. Cada ser

humano tem diversas percepções sensoriais que foram desenvolvidas de formas diferentes. Não existe uma forma única de ver, sentir e perceber o mundo. Seja qual for a percepção em que a consciência atue em determinado momento, *“tanto nós como as coisas pertencentes aquele plano somos, durante esse tempo, nossa única realidade.”* (BLAVATSKY apud PEARSON, 1967, p.18)

“O mundo em que vivemos não é de modo algum um mundo de coisas e lugares – é um mundo de consciência: nossa consciência! Nós não criamos esse mundo. Ele surge em nossa consciência como resposta à impactos do espírito e da matéria. Portanto, desde a consciência, como vimos, é um reflexo da realidade, este mundo partilha da natureza da realidade. O mundo físico surge em nós em resposta a impressões sensoriais.” (PEARSON, 1967, p.18)

Possuímos um campo perceptivo, o qual nos mostra que a percepção vai além dos sentidos. Percebemos através das relações, dos pensamentos e dos fenômenos. Percebemos com o espírito e com a matéria. *“(…) apreendemos os objetos que nos cercam, também apreendemos a nós mesmos.”* (PENNA, 1982, p.13). A percepção está diretamente associada ao sentir.

“A percepção é uma conduta vital, uma comunicação corporal com o mundo, uma interpretação das coisas e uma valoração delas (...).” (CHAUI, 2003, p.135)

Quando caminhamos percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Ele é percebido através de como se recebe sentidos, significados, qualidades, valores e afetos, e pela medida que envolve nossa

personalidade, história pessoal, social e cultural, através dos desejos, paixões, vontades, estímulos, sociedade e cultura. (CHAUI, 2003, p.137)

“Na maioria das vezes, nossa percepção da cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com consideração de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles” (LYNCH, 1997, p.2)

Especialmente a partir de nossos sentidos, apreendemos imagens perceptivas e as significamos. Ao fazermos essa captura, por uma mediação da consciência, estamos fazendo uma relação entre as diversas apreensões do objeto real com o significado atribuído.

“Construímos aquilo que chamamos imagem ou representação da cidade a partir de uma série de fragmentos selecionados (voluntária e/ou involuntariamente), envolvendo fatores subjetivos como, por exemplo, lembranças individuais e a familiaridade estabelecida com determinados lugares. Imprevisíveis e intercambiáveis, os significados emprestados às formas são também mutantes ao longo da vida dos indivíduos. ” (DUARTE, 2002, p.1)

Desta forma, apreensões diferentes do mesmo fenômeno tornam a percepção um modo único de ver, sentir e perceber. Um somatório de fragmentos físicos e não físicos são relacionados a todo o momento na consciência do caminhante. Estas significações acontecem a partir de um movimento de pensamento, que permite que criemos e re-criemos o mundo, a todo momento, em nossa consciência.

Quando o real é apreendido, o convertemos em imagem. A imagem é a representação mental que retrata um objeto externo percebido pelos sentidos. *“O termo imagem designa uma certa maneira de a consciência se*

dar um objeto.” (SARTRE apud JAPIASSÚ, 2006, p.143). Para Bachelard (2003), o termo imagem é uma resultante da apreensão antecedendo o ato da percepção.

Essas imagens apreendidas através dos sentidos variam de significados, de indivíduo para indivíduo, induzindo a representações mentais, onde o reflexo do percebido e do imaginário são interiorizados. Elas geram um movimento interno que dá início a sensações, pensamentos e reflexões sobre a realidade vivida. Ao tomar consciência do mundo, significa que passamos a pertencer, agir, interagir em sua (re)construção. Assumimos e passamos a fazer parte dele, de sua construção, coexistir:

“Os nomes que atribuo às coisas, as formas através das quais eu as identifico, as medidas com as quais eu as relaciono e comparo, são modos de “recortar” o meu objeto e transformá-lo num objeto de pensamento. (...) Ao visar um objeto, a consciência imobiliza um determinado aspecto do objeto, realizando, através da percepção, uma operação de abstração. Nesse sentido, a abstração pode ser vista como uma técnica do pensamento que separa os objetos da totalidade em que se encontram inseridos.” (DUARTE, 2002, p.5)

Sob esse aspecto, entendemos a abstração como um modo de pensamento, uma maneira de operar - uma técnica de pensamento que recorta os objetos a partir de escolhas, percepções e sensações pessoais, de sua totalidade. O próprio pensamento possui formas de criar abstrações. Existe uma resignificação da captura primária do pensamento inicial, que dá margem a novas abstrações e, assim, sucessivamente, onde diferentes linhas atemporais se interligam no presente.

O movimento, seja ele interno ou externo, encontra na natureza urbana um lugar privilegiado de realização, bem como sua síntese ajuda a constituir os sentidos da natureza urbana. O movimento na prática constitui uma participação intensiva no espaço urbano. Nesse sentido a ação de caminhar se torna reflexo da interligação entre o movimento “de dentro” com o movimento “de fora”. Essa incessante dialética formula operações de abstração e materialização da natureza urbana.

Assim, o caminhar é uma ferramenta de ver e interagir o espaço urbano. Do ponto de vista físico, pode-se dizer que o caminhar se torna uma maneira de ler, escrever e interpretar este espaço. Já por um ponto de vista ontológico, ele se torna uma maneira de interpretar, de refletir os anseios, desejos e vontade do ser.

2.2. Apreendendo o imaginário

Inicialmente compreendemos que o imaginário “(...) é o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo ou um grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo.” É também “(...) a capacidade que tem a consciência de nadificar o real, de desligar-se da plenitude do dado e de romper com o mundo.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 143)

*“Em torno de cada imagem
Escondem-se outras.” (CALVINO, 2003, p.12)*

Gaston Bachelard (1993) nos traz a reflexão filosófica do imaginal, onde a irrealidade construída pela imaginação é um modo de existência real. Esta imaginação não tem limite nem origem, é descontínua, espontânea e metamórfica; é a dádiva que nos diferencia, que nos impulsiona, é o desejo de transmutação. E assim, também nos traz a valoração conceitual e metodológica do devaneio sendo constituído como: movimento do pensamento, processo este espontâneo e solitário, que existe também com a apreensão de imagens. No devaneio, há uma quebra da continuidade tempo espacial, tempo suspenso, que rompe com a realidade e se estende à ilusão. No espaço inexistente há uma quebra do controle, não existindo certo e errado, verdadeiro e falso; os valores da dualidade racional ficam suspensos, não existe sujeito nem objeto, os dois são permutados num único elemento. Assim como explica Murad, abordando este pensamento criado na apreensão de imagens:

“Tal lógica se constrói na espontânea eclosão e apreensão das imagens poéticas. Imagens “imaginadas” que não se apresentam como configurações instantâneas, e sim como dinamização de élanes imagéticos em nossa consciência imaginante. (...) Uma repercussão que nos coloca numa suspensão tempo-espacial onde, espontaneamente, saímos desta temporalidade cronológica “horizontal” e ascendemos a uma temporalidade vertical.” (MURAD, 2006, p.5)

Essa repercussão das imagens vai além de nossa subjetividade, atingindo camadas profundas do ser. O caminhar nos traz o além do objeto, além da subjetividade, a criação e a associação dos símbolos da natureza urbana e, é capaz de desencadear um fluxo de pensamentos. Podemos

imaginar esse movimento como camadas de consciência, devaneantes e pragmáticas, que se interpenetram a todo momento, sem limitação nem divisão. Elas são ativas e ativadas num movimento contínuo de consciência do caminhante. A dimensão entre camadas íntimas do ser constitui o movimento ontológico do caminhar. Neste movimento, o olho registra e o devaneio cria asas, momentos de elucidação se misturam com o da criação. Quando aderimos o nascimento e o renascimento da criação, percebemos que não existe um início nem um fim, nem uma sequência ordenada; existe apenas o movimento do pensamento: a imagem poética.

“É necessário estar presente, presente à imagem no minuto da imagem.” (BACHELARD, 1993, p.1).

Para Bachelard (1993), a imagem poética possui uma dinâmica própria, uma explosão de criação única. Ela não está associada a um passado, a uma história cronológica, mas é possível que ocorram associações com alguns arquétipos, de forma inconsciente. Esta imagem variável e por vezes singular, pode repercutir diretamente com o psiquismo, ressoando com outras almas. Alma como palavra imortal que traduz a essência sentida e experienciada. *“Alma e espírito são indispensáveis para estudarmos os fenômenos da imagem poética em suas diversas nuances (...)” (BACHELARD, 1993, p.6).*

Como pontua Bachelard: Quando ocorre uma simples imagem poética a alma se movimenta, se faz presente, já em um poema, o espírito se projeta.

“A poesia é uma alma inaugurando uma forma’ A alma inaugura. Ela é aqui potência inicial. É dignidade humana. (PIERRE-JEAN JOUVRE apud BACHELARD, 1993, p.6).

Essas imagens poéticas vivenciadas nos trazem um campo de inúmeras experiências associadas a uma consciência sonhadora, sem uma necessidade de um saber prévio. O ser caminha no seu interior, no seu limiar, explora territórios inexploráveis, anda por campos e com passos novos, se redescobre a cada momento, se surpreende, experimenta uma forma nova.

Heidegger nos ensina que estamos fadados a permear frequentemente nossa existência criadora entre a terra e o céu (*in MURAD, 2006, p.2*), onde estes dois mundos coexistem: questões pragmáticas se misturam com o mundo dos sonhos e desejos, ou seja, um imaginário se estabelece, se constrói, expressando vontades intrínsecas do ser. Experimentar a cidade é permear esses dois mundos. O caminhar se torna a ferramenta da experiência de criação de imagens. Essas representações imagéticas são mutáveis como o movimento do caminhar.

Ocorre assim uma apropriação do momento presente, pode-se dizer que o capturamos. É como se congelássemos essa imagem na consciência e atribuíssemos a ela um significado.

De uma certa maneira pode-se dizer que tais ‘recortes’ e apreensões de imagens trazem à tona as representações ontológicas dos desejos íntimos do ser.

“O pensamento criador bachelardiano trata os contornos, aparências do mundo, (...) como figurações transitórias da consciência. Ou seja, como representações a serem superadas continuamente.” (MURAD, 2006 p.5)

O mundo dos fluxos da cidade e do caminhante encontra-se em constante devir. Antes de sermos caminhantes, somos seres num devir-cidade.

“Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar.” (PARNET, apud ZOURABICHVILI, 2004, p.24).

Caminhar como um movimento de devir, de absorção, de criação, de destruição, e de constante renovação. No devir tudo flui, nada é fixo, tudo se transforma e se dissolve, nada remete a nada.

A diversidade contida no caminhar em devir, traz a irrelevância do percurso, o andar simplesmente por andar. O caminhante em devir possui um desejo íntimo de conhecer novos caminhos, de buscar, explorar o desconhecido. O caminhar se mostra como um movimento incessante, que rompe as dimensões entre homem, tempo e espaço; como um processo que se desenrola, como fenômeno, como tudo o que é percebido, que aparece aos nossos sentidos e à nossa experiência e que não possui uma continuidade temporal.

Podemos também caminhar rizomaticamente, passando pelo movimento complexo dos processos fragmentados e labirínticos.

"Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades" (ZOURABICHVILI , 2004, p. 51)

Quando caminhamos acessamos nossa árvore interna, nossas raízes, nossos ancestrais. Como aborda Zourabichvili (2004, p.52), falando sobre rizoma, a partir de Deleuze: *"muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça"*. Para um pensamento rizomático não existe um tempo de origem que inicie o pensamento. Não existe um único caminho para o pensamento, ele flui sem regras.

Assim, os sentidos do caminhante são alimentados a todo momento com fluxos sensoriais contínuos. O exercício da consciência, das impressões e sensações alteram elaboração da percepção e do conhecimento, de maneira silenciosa, afetando os sentidos da existência do eu e as nossas percepções do outro. Esses fluxos se interagem do interior e do exterior, através do intermédio do corpo.

2.3. O intermédio do corpo

O corpo é o intermediário entre o espaço físico e o ontológico. Essa relação entre corpo-cidade-indivíduo foi se modificando ao longo do tempo e

da história. As situações decorrentes de cada época refletem diretamente a postura dos habitantes do local em relação a como enxergam seus corpos e como os deslocam na cidade. Os padrões ativos de cada época, de comportamento, pensamento e emoções fazem com que os indivíduos atuem na cidade como num teatro, escolhendo entre tornarem-se atores principais, coadjuvantes ou espectadores. Como nos ensina Sennett:

“A forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo” (1997, p.300)

A relação do homem com o corpo se reflete nas construções e nos usos dos espaços urbanos. A coletividade e a individualidade são questões que se contrapõem às épocas. O corpo se torna então um meio de se entender o passado, sendo um objeto da história, trazendo em si o histórico das sensações físicas no espaço ao longo do tempo. Ele, como objeto físico traz consigo a opressão e/ou a representação da identidade, numa relação direta entre o corpo e o indivíduo. A partir deste objeto, fazemos contato e experienciamos o mundo ao redor.

Assim como as relações entre os corpos no espaço determinam as reações mútuas de como os indivíduos se veem, se ouvem, se tocam ou se distanciam, existe uma carência dos sentidos fundamentada na auto-proteção. Surgem, então, alguns questionamentos: Como o espaço poderia suprir essa necessidade do sentir? Será que alguns arquitetos perderam essa conexão com o corpo humano em seus projetos? O que o corpo

humano devolverá aos sentidos se vivermos com receio das experiências?
Como devem ser os espaços projetados e os caminhos por onde passamos?

Os princípios fundamentais da organização espacial giram em torno do homem, com sua postura e estatura, e de suas relações entre pessoas. O homem a partir dessa relação organiza seu espaço a fim de satisfazer suas necessidades biológicas e sociais; e é através dele que participa do mundo. O corpo ocupa lugar no espaço e faz parte dele; e é também dirigido e ordenado pelo homem.

“O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço.” (TUAN, 19307, p.42)

Essa imposição pode ser consciente ou não. É através do corpo que o homem expõe suas emoções, tem suas percepções e sensações, se movimenta, sonha, cria. É nele onde a alma habita e se comunica com todas as formas de experiências do mundo.

"Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade" (LE BRETON, 2006, p.7)

É através do corpo que expressamos os sentimentos que vivenciamos e da forma como repercurtem em nós. A cada instante decodificamos sensorialmente o mundo através do corpo. É a partir dele que acontece o

fluxo de todas as relações, num movimento entre interior e exterior.

Segundo Bachelard:

“O exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade.” (BACHELARD, 1993, p.221)

Para ele é possível explorar o ser do homem como o ser de uma superfície, que separa as regiões dele próprio em relação às do outro. O ser se manifesta e se oculta, em movimentos numerosos de abertura e fechamento. *“(...) o homem é o ser entreaberto.” (BACHELARD, 1993, p.225)*

E esses movimentos possuem ritmos. O caminhar é também o ritmo do corpo em movimento que se desloca pelo espaço. O ritmo do movimento envolve mudanças de realidade, a qual está sempre em fluxo.

Assim, cada ser possui seu ritmo interno, e juntamente a ele interagimos com o ritmo externo. Ao caminhar nos conectamos com eles, os quais não existem separadamente, pois estão sempre em interação e em mútua alteração. A cidade também possui o seu ritmo numa conjugação de inúmeros fluxos, que se relacionam diretamente com o caminhar. São ritmos diferenciados em tempo-espaço, que se cruzam, interagem e permeiam-se continuamente. A palavra ritmo designa aquilo que flui, que se move.

Nossos ancestrais utilizavam-se dos ritmos associados às músicas para se guiarem pelos caminhos e estradas. Dessa mesma forma algumas culturas baseavam-se nas músicas e nos cânticos para caminhar pela estrada do mundo interno do ser, produzindo estados alterados de

consciência. Os diversos ritmos internos e externos existem simultaneamente na cidade.

Observar as pessoas em movimento nas ruas nos demonstra facilmente a diversidade dos tipos de ritmo e formas de andar. Nesse movimento cada parte do corpo está diretamente ligada às demais, em um conjunto gracioso que possui o seu próprio ritmo. Estes ritmos unificados demonstram todas as partes trabalhando em conjunto, como se fosse uma máquina bem ajustada. A dança também nos demonstra isso, através da expressão máxima do corpo em movimento, harmonizando, sincronizando e integrando tempo e espaço.

“A dança transforma o espaço em movimento: temporaliza o espaço. A música, disciplina temporal, e a arquitetura, disciplina espacial, se casam na dança, disciplina do movimento.” (JACQUES, 2003, p.85)

Segundo Aurélie Chêne, falando sobre as percepções corporais no mundo urbano, a maneira pela qual as pessoas se comportam no espaço público está diretamente ligada à maneira de como dançam:

“(…) é a mesma forma corporal que se manifesta. (…) A experiência corporal do dançarino é semelhante ao andar do cidadão. Com efeito, é no ritmo de uma sonoridade em dois tempos, que o corpo se desloca de um pé para o outro (…)” (in JACQUES, 2006, p.142).

Essa experiência renova uma espacialidade cotidiana, a qual varia de acordo com a cidade e os ritmos dos locais. Andar na cidade é uma coreografia urbana, formada por uma sequência de dançarinos com seus

compassos e ritmos internos individuais, que tem a capacidade de espacializar e temporalizar o corpo em ação.

“Os corpos e os lugares encontram (...) formas de existência ao mesmo tempo separadas e articuladas.” (JACQUES, 2006, p.144).

Movimentar o corpo faz emergir uma forma corporal urbana. Sempre existe uma maneira específica de passar em meio à multidão ou em meio a uma calmaria. O ritmo é o princípio vital desse movimento, é uma lei universal a que tudo submete.

O ritmo e os fluxos dão vida à cidade, numa plenitude de beleza e integração. Cada situação urbana e espaço físico tem um ritmo próprio. Essa variação de compassos forma a sintonia de cada espaço. Em grandes centros urbanos, por exemplo, o ritmo é acelerado e parece fazer com que as pessoas anseiem por tudo mais rápido; é como se quase tudo fosse projetado para correr. Já em locais onde o ritmo mais lento, as pessoas parecem não ter pressa. Assim, os ritmos pessoais se relacionam e interagem diretamente com o ritmo dos espaços.

Para percorrer a estrada da vida é preciso dançar os ritmos de cada momento, de cada trecho, de cada história; ou acompanhamos, ou caímos no vazio. É preciso aprender a dançar, harmonizar e sintonizar!

***“O olhar percorre as ruas como
se fossem páginas escritas:
a cidade diz tudo o que você deve pensar.”***

Italo Calvino

3. O VÔO DA BORBOLETA

Este capítulo abordará as questões do caminhar num grande centro urbano, permeando as diferentes questões e fenômenos. A crônica “*A Borboleta Amarela*”, do poeta Rubem Braga servirá de eixo condutor, como texto temático, o qual direcionará a trajetória dos próximos capítulos. Ele será usado como método para desenvolver a narrativa, pontuando questões a serem abordadas. O trajeto acontece a partir de alguns recortes desta crônica, os quais interagem com a narrativa criada, juntamente com reflexões e digressões sobre o pragmatismo urbano, as interligações de fluxos temporais e espaciais, as continuidades e limites.

O conto de Rubem Braga trata da odisséia de uma borboleta que interrompe um caminhante no centro do Rio de Janeiro, onde ele passa a seguir um novo caminho, alheio às suas intenções iniciais de trajeto. Ele faz digressões com a companhia da borboleta, transitando nos meandros da cidade.

Para a nossa trajetória a ser desenvolvida, apresentamos o personagem: o homem urbano, um caminhante que nos conduzirá, no decorrer dos próximos três capítulos, a diferentes trajetos na cidade do Rio de Janeiro, a partir de variados ritmos, locais e relações de tempo-espaço.

3.1. Com os pés no chão

Passo a passo vinha ele caminhando. Surgia calmamente em meio à multidão. Para onde irá? De onde viria? Isso parecia não importar. Passos leves e ao mesmo tempo firmes e suaves refletiam um desejo de alma de seguir em frente, de explorar e interagir com o universo à sua volta. Ele observava cada movimento ao seu redor. Parecia discernir e discriminar a paisagem e os elementos que a compunham. Ele encontrava-se na típica cena de um centro urbano contemporâneo e agitado, onde o barulho, a fumaça e o frenesi dos carros mobilizavam o seu interior. Observava o tempo das pessoas à sua volta: agitadas e muitas vezes desnorteadas. E num pequeno instante, meio a tudo isso, ele avistou a Borboleta Amarela. Lá estava ela, passeando por entre os galhos de uma amendoeira, em pleno burburinho da cidade. O que será que fazia ali, para onde iria?

“Passou roçando em meus cabelos, e no primeiro instante achei que fosse uma bruxa ou qualquer outro desses insetos que fazem vida urbana; mas, como olhasse, vi que era uma borboleta amarela.

Era na esquina de Graça Aranha com Araújo Porto Alegre: ela borboleteava junto ao mármore negro do Grande Ponto; depois desceu, passando em face das vitrinas (...).” (BRAGA, 1952, p.1)

Pequena, leve e suave, ela rodopiou em volta dele, convidando-o a alçar vôo. Resolveu acompanhá-la e aos poucos, deixando-se levar por qualquer caminho escolhido. Não havia planos nem mapas que o direcionasse, já não sabia se eram caminhos desconhecidos ou apenas os velhos percebidos de

uma forma diferente. Seus olhos pareciam libertos dos véus que o cegavam, desperto assim para o novo. Observava as pessoas à sua volta e a multiplicidade dos usuários da cidade. Como era intrigante esta diversidade de arquétipos do Ser! Ele observava a tudo e a todos, e se deixava observar.

“Uma rua viva sempre possui simultaneamente usuários e observadores” (CHOAY, 1979, p.295).

E poderíamos dizer sonhadores, já que em uma rua, adquirimos papéis diferenciados a todo instante. Somos usuários que observam e observadores que usam, onde não existem divisões nem qualificações para essas duas características. Captamos dados através dos nossos sentidos, os quais servem de material onírico para o imaginário que substancializam, de novo, novas percepções. Percebemos o local, interagimos com a paisagem de uma maneira única e individual. Construimos lugares como a porção de um espaço seja ele qual for, ou um ponto imaginário numa coordenada qualquer espacial percebida.

Nosso caminhante avistou um sinal de trânsito, e já estava ela lá do outro lado da rua. Observou de longe os três estágios dessa sinalização: tempos distintos para ações diferenciadas. Teve uma súbita vontade de parar enquanto estava sinalizado para andar. Parou. Deixou que as pessoas agitadas atravessassem à sua frente, correndo. Experimentou o contra fluxo. Sentia seu corpo desconfortável sendo empurrado a favor do movimento. Esperou o sinal fechar novamente, e então escolheu para qual lado seguir.

Atravessou, fluindo com a maré acelerada, chegando ao outro lado, onde a esfregação da multidão o comprimia.

“As vias são canais de circulação ao longo dos quais os observadores se locomovem de modo habitual, ocasional ou potencial. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem. Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e, ao longo dessas vias, os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam.” (LYNCH, 1997, p.52)

As vias são elementos urbanos predominantes na cidade e podem apresentar induções direcionais. Quando se caminha, esses fatores interagem diretamente com o percurso escolhido, como por exemplo, o trajeto dos caminhantes, existindo uma relação de identidade com o pedestre. Hábitos e atividades individuais podem dar grau de importância a elas. Algumas pessoas se deixam guiar pelo fluxo principal do tráfego. Qualidades espaciais também ajudam a formar a identidade do local, onde assim, criamos uma relação de preferência pelos caminhos.

“As pessoas tendiam a pensar em termos de destino das ruas e de seus pontos de origem: gostavam de saber de onde surgiam e para onde levavam. As vias com origem e destino claros e bem conhecidos tinham identidades mais fortes, ajudavam a unir a cidade e davam ao observador um senso de direção sempre que ele passava por elas.” (LYNCH, 1997, p.60)

Quando caminhamos, podemos estar intencionados a mudar a direção, mas, às vezes, isso acontece abruptamente, podendo haver um desconforto, uma desorientação ou insegurança. Ter a visão clara das ruas adjacentes gera uma sensação de conforto, que está associado à sinalização e ao

estreitamento e mudança, alinhamento, interseção e surgimento de elementos. As mudanças bruscas ou sinuosidades nos caminhos criam pontos de perturbação, de interrupções. Talvez seja mais fácil lidar com a simples relação perpendicular e retilínea como, por exemplo, a estrutura em malha das quadras.

As ruas e calçadas são elementos predominantes: elas servem para os mais variados fins. São fundamentais para o funcionamento adequado da cidade. As calçadas são a parte que cabe à circulação e aos pedestres. Segundo Jacobs:

“A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou calçadas próximas.” (JACOBS, 2000, p.29)

Este autor associa as ruas e calçadas como os principais locais públicos da cidade, como *“(...) seus órgãos vitais.” (JACOBS, 2000, p.29)*, a partir de onde os relacionamentos acontecem. Elas estão diretamente associadas à imagem da cidade, a medida que *“(...) se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecem monótonas, a cidade parecerá monótona.” (JACOBS, 2000, p.29)*. A rua é uma área de transição entre o espaço público e o espaço privado. É palco dos desconhecidos, mesmo que as pessoas residam umas perto das outras, pois o número deles é maior do que o de conhecidos. A principal questão: como as pessoas sentir-se-ão seguras e protegidas em meio a tantos desconhecidos? Segundo Jacobs:

“(...) a paz nas calçadas e nas ruas não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados.” (JACOBS, 2000, p.32)

A questão de sentir-se ou não seguro nas ruas e calçadas pode fazer com que a quantidade de caminhantes diminua, ou aumente, em determinados locais da cidade. Este não é o único motivo para a diminuição de pedestres nas calçadas. O desenvolvimento dos bairros, com a conseqüente existência de longas distâncias para se chegar de um ponto ao outro, torna o caminhar uma difícil escolha de locomoção. Isso não extingue o movimento de andar na cidade, mas o setoriza em determinados trechos, onde o movimento acontece em torno de intervalos de tempo e tomadas de decisão como, por exemplo, procurar algum lugar para comer, fazer pequenas compras, etc. De qualquer maneira, seja a cidade e o trecho que for, *“(...) a presença de pessoas atrai pessoas.” (JACOBS, 2000, p.29)*. Da mesma maneira, o nosso caminhante se sentia atraído por explorar alguns trechos e outros não.

“Desde que a rua esteja bem preparada para lidar com estranhos, desde que possua uma demarcação boa e eficaz de áreas privadas e públicas e um suprimento básico de atividades e olhos, quanto mais estranhos houver, mais divertida ela será.” (JACOBS, 2000, p.41)

Existe um especial prazer nas pessoas em olhar as outras, em observar o movimento e a diversidade existente. As calçadas são palcos de experiências

e de contato. É nelas que observamos os diversos personagens e, de alguma forma, nos identificamos com eles. As crianças vão para a escola, o porteiro varre rotineiramente as folhas de seu trecho de calçada, a dona da padaria abre ritualisticamente as portas de seu comércio pela manhã, colocando as mesas para o lado de fora, etc.

*"Contarei que na cidade vivi
em certa rua com nome de capitão,
e essa rua tinha multidão,
sapateiros, venda de licores,
armazéns repletos de rubis.
Não se podia ir ou vir,
havia tanta gente
comendo ou cuspiendo ou respirando,
comprando e vendendo trajés.
Tudo me pareceu brilhante,
tudo estava aceso
e tudo era sonoro
como para cegar ou ensurdecer.
Esta rua já faz tanto tempo,
já faz tempo que eu não escuto nada,
mudei de estilo, vivo entre as pedras
e o movimento da água.
Aquela rua talvez morreu
de morte natural.
(NERUDA, 2007, p.26)*

De várias maneiras e formas, os personagens, com suas particularidades, contribuem para gerar uma identidade no local. Eles vão criando o cenário para que todos sejam os atores desse palco de diversidades, como:

"(...) um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõem um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações." (JACOBS, 2000, p.52)

Era assim que o nosso caminhante se sentia, dançando por entre as ruas, como nunca havia feito antes. Esse balé é o reflexo da diversidade existente nas ruas, onde os hábitos e habitantes variam de acordo com a fase do dia. O balé pode sossegar ou acelerar, mas ele nunca para. Todos esses elementos provocam um efeito conjugado sobre a calçada, mas de nenhum modo específico. É aí que está a sua força como elemento componente urbano: elas aí se inserem. São as vias pelas quais o nosso caminhante observa, circula e baila ocasionalmente ou intencionalmente. Através delas, ele pode observar a cidade e relacionar-se a outros elementos da imagem urbana. Já o autor Kevin Lynch classifica esses elementos urbanos da rua como: caminhos, limites, bairros, nós e pontos de referência, os quais são importantes para compreendermos cada vez mais a cidade (LYNCH, 1997). Segundo Choay as pessoas são levadas a caminhar pelos lugares mais atrativos. Ela ressalta que o bom funcionamento da rua está associado à existência de um sentimento inconsciente de solidariedade, entre os transeuntes, juntamente com o de confiança, o qual se estabelece através de diversos contatos onde a calçada é o palco. (CHOAY, 1979)

*“Certa rua começa algures e vem dar no meu coração.
Nessa rua passa um conto feito de pedacinhos de histórias
De ouro, de velhos, de estrume, de seleiros falidos.
Nesta rua acaba de passar
A menina-e-moça de tranças e blue jeans pela calçada
É um violão andando, um som
Unindo alugares de ontem a nenhures de eternidade.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Como Drummond nos ensina, a rua contém pedacinhos da história de cada um, contém o tempo, a música, a poesia. E é por esses caminhos que nosso caminhante nos leva, além das calçadas e dos lugares comuns, para além dos espaços de circulação. Ele nos mostra a calçada como espaço de múltiplos usos, onde acontecem diversas ações e fenômenos, tais como o encontro e a troca. Elas servem de suporte ao deslocamento de informações, mercadorias, pessoas, veículos, além de base para as variadas manifestações populares e de lazer coletivo. Funcionam como uma área livre de convivência, tal como se fosse uma praça linear. Dependendo do horário, este palco possui ações qualificadas de formas diferentes: a sua densidade e os elementos nela contidos provocam as diversidades funcionais. Servindo como palco de ensinamento das relações sociais, permitindo a construção de relacionamentos e de vivências diversas.

*“Na rua está o transitório, o ambíguo, o excitante, o perigoso.”
(MALTA apud SANTOS, 1988, p.89).*

As ruas são espaços públicos abertos que servem à circulação, aos fluxos de veículos, pessoas, mercadorias e informações. Elas interligam blocos de quarteirões e são de importância fundamental para a concepção da cidade.

“(...) territórios de ninguém e de todo mundo, são o palco onde se desenvolvem os dramas e representações da sociedade. Aí acontecem desde a agitação de todos os dias até as celebrações especiais (...)” (SANTOS, 1988, p.91)

As ruas podem ter usos diversificados ou não: mistos, residenciais, comerciais, etc. O seu traçado depende muito de onde foi implantada e das

características dos locais. Elas são pensadas e articuladas de acordo com o que aconteça ao longo de seu percurso, por mais que as variações existam, a idéia de sistema é a mesma: uma malha hierárquica de formato variado.

As calçadas e ruas também se tornam extensão de outros espaços, dos restaurantes e bares, lojas, e das casas. É nela que saímos para tomar o ar fresco, fumar um cigarro, namorar, trocar, ver o movimento da vida acontecendo e, simultaneamente estamos inseridos dentro de codificações e sinalizações urbanas. É nela que temos contato com o desconhecido, com o anonimato, com o repentino esbarrão.

Passo a passo, instante a instante tudo vai acontecendo. E é assim que o nosso caminhante continua seu trajeto. Andando nas ruas, tendo contato com o próximo, percebendo que tudo o que visto é vivenciado e apreendido, mesmo que de uma maneira rápida e singular. Assim, meio a tanta velocidade das vias expressas, existe um resgate do valor da calçada, um retorno aos espaços de convivência, um retorno ao pedestre.

3.2. AS PAREDES PERCEPTIVAS: Continuidades e Limites

O nosso caminhante continuava em sua jornada, passando por ruelas, becos, pontes, elementos urbanos que existiam mais significativamente a partir das pessoas que os usufruíam.

As ruas nos dão o caminho e essa passarela do andar nos traz elementos de continuidade e descontinuidade. A partir desse movimento lidamos com a relação interior-exterior e experiências de limites. Os elementos lineares servem de limites para o caminhante, apenas delimitando-o como uma fronteira entre duas fases, quebrando a continuidade, sem no entanto servir como eixo direcionador.

Os cruzamentos são pontos de convergência dos caminhos, de lugares de passagem de uma estrutura à outra, de descontinuidade. Também refletem convergências de escolhas.

“Alguns desses nós de concentração constituem o foco (...) sobre o qual sua influência se irradia e do qual constituem o símbolo.” (CHOAY, 1979, p.313)

O conceito de nós está associado diretamente a pontos de concentração e disseminação, denominados núcleos. *“ O conceito de núcleo está ligado ao de caminho, já que as ramificações são precisamente constituídas pela convergência de uma série de caminhos. (CHOAY, 1979, p.313)* Estes centros de disseminação, dispersão ou centralização são estruturas das cidades, onde os usuários vivem experiências associadas aos conceitos de continuidade e descontinuidade.

O caminhante, mesmo sem saber, se depara com o conceito de limite. Este conceito nos chega como: *“(...) fronteiras entre dois tipos de áreas. Funcionam como referências laterais.” (LYNCH, 1997, p. 69).* Podem ser barreiras relativamente permeáveis. São capazes de conferir a unidade a áreas

diferentes. A continuidade e a visibilidade são questões fundamentais quando se fala de limites. O conceito limite não quer dizer necessariamente impenetrável; muitos limites possuem costuras e permeabilidades. Ao caminharmos, esses conceitos também se tornam tomadas de decisões. Podemos, assim como o caminhante, criar fronteiras não físicas, estabelecidas pelo uso de nossa intenção no mundo cotidiano, da intuição e da observação, através de pensamentos, palavras, ações e sentimentos.

Os pontos nodais são pontos estratégicos de uma cidade, *“através dos quais o observador pode entrar, são focos intensivos para os quais e a partir dos quais ele se locomove.”* (LYNCH, 1997, p.52). Trabalham conceitos de junção ou interrupção de fluxo, concentração e dispersão de atividades e fluxos, convergências de caminhos e têm grande importância para o observador da cidade, uma vez que abordam questões de tomadas de decisões.

Marcos, são pontos de referência, objetos físicos cuja escala pode ser bastante variável, onde o caminhante observador encontra-se fora deles, mas escolhe um elemento para ser usado como um ponto, num conjunto de possibilidades. São usados também como indicadores de identidade.

Todos esses elementos *“são apenas matéria-prima da imagem ambiental na escala da cidade.”* (LYNCH, 1997, p.93). Eles coexistem e interagem mutuamente. O caminhante observa e agrupa esses elementos em organizações mentais complexas e individuais.

“O observador percebe o complexo como um todo cujas partes são interdependentes e relativamente estáveis em relação umas às outras.” (LYNCH, 1997, p.94).

O usuário e observador da cidade examina a totalidade e a complexidade dela a partir da compreensão das suas partes. Essa compreensão não é única e fixa, vez que poderão existir grupos de imagens que se superpõem e se inter-relacionam, com escalas variadas. Essas imagens mudam de acordo com o ponto de vista e possuem variações e distorções variadas da realidade. A pesquisa de Lynch está diretamente associada às questões físicas e mentais de compreensão, leitura e localização na cidade. Estas se associam indiretamente às questões intrínsecas que permeiam o ser caminhante.

Retornamos ao nosso caminhante, que parecia perceber que os limites entre físico e imaginário começavam a desaparecer. Ele andava continuamente descontínuo, se deixando levar pela Borboleta, sem limites. Foi quando:

"(...) um amigo me bateu nas costas, me perguntou "como vai bichão, o que é que você está vendo aí?" Levei um grande susto, e tive vergonha de dizer que estava olhando uma borboleta; ele poderia chegar em casa e dizer: "encontrei hoje o Rubem, na cidade, parece que estava caçando borboleta". (BRAGA, 1952, p.2)

O Homem da Borboleta caminhava de um modo a se deixar levar pelo movimento desprogramado, à deriva. Deriva como uma prática experimental do urbanismo unitário. Segundo o pensador Guy Debord, a teoria da deriva é um procedimento situacionista¹ de estudo psicogeográfico, o qual estuda as ações do ambiente urbano nas condições psíquicas e emocionais das pessoas. Onde

¹ A idéia de "situacionismo", segundo ele, se relaciona à crença em que os indivíduos devem construir as situações de suas vidas no cotidiano, cada um explorando o seu potencial de modo a romper com a alienação reinante e a obter prazer próprio.
(http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3654)

o caminhante parte de um lugar qualquer e se lança à deriva, deixando-se rumar pelo meio urbano, onde este crie seus próprios caminhos. Esses estudos fazem pensar por que motivo por exemplo, nosso caminhante resolveu dobrar à direita e não à esquerda, e quais condições levam a tais escolhas de acordo com determinadas zonas psíquicas que nos conduzem, trazendo os mais variados sentimentos e sensações. Dessa forma, todos nós, caminhantes, somos agentes construtores da cidade. (JACQUES, 2003, p.54)

O personagem *Flâneur*, de Walter Benjamin, também inspira características de um derivante que vagueia pelas ruas:

“A rua conduz o flanador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é o seu próprio, o particular. Contudo, este permanece sempre o tempo de uma infância. Mas por que o de sua vida vivida? No asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância.” (BENJAMIN, 2000, p.185)

Nosso caminhante também recebe características de *Flâneur* à medida que vagueia pelas ruas, nutrindo-se sensorialmente de algo experimentado e vivido que ressoa em seu interior, com sua vida vivida.

“Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população (...). É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas..” (RIO, apud VENEU, 2000, p.235)

Nesses passeios, sempre estamos entre o céu e a terra, entre devaneios e pragmatismos, perambulando e observando, e foi assim que nosso caminhante percebeu:

“Reparei que nenhum transeunte olhava a borboleta; eles passavam, devagar ou depressa, vendo vagamente outras coisas – as casas, os veículos ou se vendo –, só eu vira a borboleta, e a seguia, com meu passo fiel.” (BRAGA, 1952, p.1)

Ele observava as pessoas à sua volta, que pareciam habitar em submundos individuais, como se fossem bolhas, onde cada um escolhia quando, como e com quem compartilhar. Estas bolhas refletem os limites entre interior e exterior. Cada indivíduo escolhe quando, de que forma e com quem compartilhar esses submundos. Definimos assim nossas fronteiras. As bolhas também funcionam como proteção e isolamento, nos quais o ser se volta para o seu interior. É uma forma de diminuir o contato físico entre corpos. (SENNETT, 1997, p.206) É como se definíssemos uma fronteira, uma casa ambulante onde inconscientemente nos sentimos seguros e protegidos. Quando resolvemos ‘abrir a porta’, é como se saíssemos de casa.

“Sempre que saímos de nosso próprio espaço, tornamo-nos hóspedes de algum espaço alheio.” (SAMS, 1951, p.351)

Assim, compartilhamos nosso espaço com outros, interagindo na cidade de uma maneira única e individual. Ao interagirmos, estamos lidando com o contato da experiência, juntamente com o medo do contato.

“O resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se veem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é o nada. Em lugares da cidade que careçam de uma vida pública natural e informal, é comum os moradores manterem em relação aos outros um isolamento extraordinário.” (JACOBS, 2000, p.70)

Mas por mais que nos isolemos, o homem procura o homem e assim, temos a certeza de que sempre existirá o contato físico. E esse contato acontece diretamente através do corpo, que é o meio físico da alma de interagir no espaço. É através das experiências corporais que nossos sentidos são alimentados.

“As relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam.” (SENNETT, 1997, p.17)

Essas relações estão diretamente associadas à experiência do contato. A necessidade de nos movermos no espaço, nos reloca no caminho das experiências e neste deslocamento vivenciamos a experiência da velocidade. Quanto maior a velocidade de deslocamento, maior é a desconexão do espaço.

“A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção à paisagem.” (SENNETT, 1997, p.17)

Ao caminhar, diferentemente de se deslocar em outros meios móveis, experimentamos a cidade e os corpos em movimento num tempo mais humano. Também é possível caminhar ‘entorpecido’ ou ‘protegido’ das experiências.

“O movimento autônomo diminui a experiência sensorial, despertada por lugares ou pessoas que neles se encontrem. Qualquer forte conexão visceral com o meio ameaça tolher o indivíduo.” (SENNETT, 1997, p.214)

Assim, pode-se viver em *“um cotidiano em que a vida se consome em esforços tendentes a negar, minimizar, conter e evitar conflitos. As pessoas fogem dos conflitos e demonstram forte desagrado ao serem alvo de reivindicações e censuras por erros cometidos.” (SENNETT, 1997, p.19).* Essa censura é sentida com o próprio corpo na cidade.

Essa relação, na sociedade urbana atual, se reflete em padrões cada vez mais rápidos, onde o ritmo é acelerado e muitas vezes desnordeado, quando experienciamos a velocidade.

“Hoje, como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidades cheias de espaços mútuos, cidades que sucumbiram à força maior da circulação.” (SENNETT, 1997, p.214)

O homem contemporâneo entregue ao movimento acelerado das cidades é levado a dessensibilização dos espaços, onde os deslocamentos rápidos, que visam somente sair de um ponto e chegar a outro, tornaram o caminho uma questão muitas vezes de pouca importância, um lugar somente de passagem. Espaços urbanos perdem seu valor, visto que parte dos indivíduos só desejam atravessá-lo, neutralizando assim as sensações e experiências que eles poderiam proporcionar-lhes.

O medo dos confrontos reflete o medo do contato, onde os seres humanos muitas vezes sentem-se ameaçados pela presença de outros que destoam de suas intenções. A massa de corpos se dispersa e fragmenta, diminuindo ainda mais o contato. Hoje, a tecnologia, juntamente com o consumismo, ajuda a aumentar essa distância.

A individualidade e a coletividade se fazem presentes nos espaços urbanos, onde a forma deles “(...) *deriva de vivências corporais específicas a cada povo*” (SENNETT, 1997, p 300). A relação do corpo e da cidade acontece de forma diferenciada através das épocas em que cada povo viveu. As situações daí decorrentes estão diretamente ligadas às posturas dos habitantes, juntamente com os padrões, os quais podem torná-los marionetes ou atores principais.

Quando o nosso caminhante observa alguns espaços físicos com falta de contato corpóreo, podemos sentir um reflexo de desordem no espaço urbano, onde existe também o medo da multidão. Os corpos são entorpecidos pela velocidade e características do homem moderno onde a plenitude dos sentidos e do sentir é tolhida individual e coletivamente:

“Os primeiros indícios dessa transformação são perceptíveis, segundo esses críticos, a partir das mudanças de caráter da população das cidades. A massa de corpos que antes se aglomerava nos centros urbanos hoje está dispersa, reunindo-se em pólos comerciais, mais preocupada em consumir do que com qualquer outro propósito mais complexo, político ou comunitário. Presentemente, a multidão sente-se ameaçada pela presença de outros seres humanos que destoam de suas intenções.” (SENNETT, 1997, p.19)

Na arquitetura, o medo do contato, da multidão e da experiência da velocidade se refletem na criação de grandes condomínios fechados, onde praticamente constroem-se 'cidades' dentro de cidades e estas são vendidas como ideais de qualidade de vida, segurança e controle.

O caminhante que evade-se com o vôo da Borboleta, com os pássaros, com o vento, com qualquer elemento no momento presente, resiste contra esse estado de isolamento e se deixa levar por um estado de plenitude único, divergente das questões sociais e pragmáticas da vida.

Assim, sabemos que as escolhas dos caminhos a serem percorridos acontecem a partir de uma diversidade de questões abordadas neste item. A predominância de como fazemos tais escolhas varia de acordo com a individualidade de cada um, juntamente com relação aos elementos à sua volta e com a identificação com a cidade. Esse movimento contínuo e descontínuo acontece a cada momento, de maneira única, onde os limites físicos se misturam com os não físicos do ser e seu interior onírico.

3.3.A malha e as interligações urbanas: fluxo, espaço, tempo e lugar

Nosso caminhante andava por calçadas, limites e perspectivas que convergiam e indicavam o caminho a ser seguido. Ele olhava a rua e imaginava a malha e como seriam as inter-relações das pessoas e dos limites no quarteirão ao lado.

“(...) um jogo sem regras fixas, aberto de tentativas (...) as peças são feitas de fragmentos, materiais disponíveis, (...) imaginação.”
(JACQUES, 2003, p.4)

Dentre alguns elementos dessa organização e interação, temos a malha urbana, palco dessas interações, as quais acontecem a todo momento, numa superposição de camadas, de pessoas, de encontros, de referências, de movimentos, de espaços públicos e privados, de vontades, de borboletas, como um grande quebra cabeça montado.

“A cidade não é construída por uma só pessoa, mas por um grande número de usuários que pertencem a meios, temperamentos, ocupações e classes sociais mais variados.” (CHOAY, 1979, p. 316).

Como observava o nosso caminhante: na cidade, existe a diversidade perceptiva individual em um mesmo espaço. Se pensarmos na escala da cidade, a mesma questão acontece: cada pessoa organiza a sua cidade e o seu espaço de forma diferente. Essas interligações são dadas por fatores diversos.

O espaço construído pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. Independente das construções ou do local, as pessoas são capazes de distinguir diferença entre interior e exterior, aberto e fechado, de uma maneira instintiva. O sentimento humano, percepção e consciência são afetados pelo espaço à sua volta. Ele também articula as relações e a ordem social.

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos. Ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as

regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.” (CALVINO, 2003, p.22)

O fator tempo também é uma ferramenta dessas interligações urbanas. A relação do homem com o tempo está implícita em todos os lugares. É uma relação de duração das experiências vividas.

“O espaço e o tempo ganharam subjetividade ao serem orientados para o homem. Certamente espaço e tempo sempre estiveram estruturados de acordo com os sentimentos e necessidades humanas individuais.” (TUAN, 1930, p. 137).

Tempo e espaço coexistem. Quando andamos mentalmente em um espaço, nos movemos na linha do tempo, avançamos e retrocedemos. Quando andamos fisicamente, um passo pode ser uma unidade de tempo, pois é sentido como um movimento de esforço ou descanso, *“(...) é um esforço sentido como uma medida que pode ser observada.” (TUAN, 1930, p. 145).* A intenção de ir a algum lugar cria um tempo histórico, onde o lugar passa a ser um objetivo futuro e a partida, o presente. Para Tuan, uma das definições de lugar é:

“(...) qualquer objeto estável que capta nossa atenção.” (TUAN, 1930, p. 179).

Ela cita o exemplo de que, quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos são direcionados a pontos de interesse que chamam a atenção. Segundo ela, este pequeno movimento é considerado uma atribuição de significado e então se torna um lugar. O lugar também é um fator de conexão.

“A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo.” (TUAN, 1930, p. 191).

Para o sonhador que caminha nas calçadas, o lugar é o espaço que adquire definição e significado. Os significados são atribuídos a partir de valores de juízo pessoais. A permanência e a transitoriedade são elementos importantes na idéia de lugar e estão diretamente associados ao tempo. A sensação de tempo afeta a sensação de lugar, à medida que o tempo de uma criança é diferente do de um adulto e de um idoso. As sociedades e os indivíduos têm sensações e atitudes diferentes em relação ao tempo e ao lugar.

“Essa cidade que não se elimina da cabeça é como uma armadura de um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar (...) Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória.” (CALVINO, 2003, p.22)

Em cada lugar, o tempo, como os homens utilizam e agem, não são os mesmos. Eles interagem no viver de cada instante. Cada ação se dá no seu tempo, onde a vida social acontece em tempos diversos, em diferentes momentos, processos e objetivos pessoais. O espaço é o meio dessa coexistência de fluxos variados, unindo a todos.

“Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. (..) O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. (...) tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo.” (TUAN, 1930, p.3)

A maneira que as pessoas atribuem significados e organizam o espaço e o lugar, diferem em cada cultura, influenciando intensamente o comportamento e os valores humanos.

O homem contemporâneo que vive e usufrui dos grandes centros urbanos possui um ritmo acelerado, o qual interage com o ritmo da cidade, das ações, dos afazeres, do ir e vir, da necessidade e do fluxo acelerado de informações. Segundo Sennett, este ritmo e fluxos cada vez mais rápidos levam a dessensibilização. Isto pode ser percebido através da observação do homem com andar acelerado, mecânico e desatento. O nosso caminhante da Borboleta é uma metáfora contrária a essa desatenção. Essas conjugações de fluxos internos e externos variam de acordo com a intensidade das pessoas, bem como com a localização espacial e qualidade do ponto em questão. Esse excesso de informações cria uma desterritorialização, e tem a ver com a associação de lugar e não lugar.

A desterritorialidade e a não identidade dos grandes centros urbanos os fazem '*world cities*', territórios genéricos, megalópoles, onde o ir e vir e o fluxo de pessoas, mercadorias e informações se intensifica a cada momento, tornando-as cidades sem fronteiras. O imediatismo define os padrões de consumo: há um desejo de ser e de ter mais, em menos tempo. Isso intensifica o ritmo das informações, mercadorias e relacionamentos, os quais fluem cada vez mais rápidos em espaços virtuais. A interação do homem com a tecnologia, em um mundo globalizado, faz com que as interações físicas nos espaços urbanos diminuam, por necessidade de rapidez e proteção. A relação de tempo

versus instantaneidade, entra em conflito com os grandes ciclos naturais: geobiológicos, mudanças climáticas, germinações, ciclo dos rios, etc. Os subúrbios americanos são um exemplo deste urbanismo acelerado - *'fast urban way of life'*.

O modo de vida contemporâneo acelerado ao longo de um período de análise é destrutivo, tanto para o homem, quanto para a cidade, em médio prazo. Como as análises e implementações do urbanismo atualmente acompanham o ritmo que a cidade impõe, ele vai acontecendo erroneamente. As cidades crescem mais rápido que as infra-estruturas, e assim muitas ficam desestruturadas.

Lawrence A. Herzog (2007, *informação verbal*) nos traz os conceitos de Fast and Slow Urbanism, onde os ritmos das cidades são expressões de valores culturais. Ela aborda a existência de dois lados do mesmo urbanismo, com ritmos opostos, não atrelados diretamente aos locais, onde é ressaltado que possuímos percepções simultâneas e desejos que influenciam o modo como experienciamos o espaço urbano. Ela mostra ainda, os reflexos nos grandes centros urbanos onde o homem busca um ritmo desacelerado -"eco-centrism vs ego-centrism"- como praticas na natureza, meditações, dentre outras, com o objetivo de baixar o ritmo interno.

O homem citadino converge cada vez mais para os centros urbanos, para os fluxos da cidade que ressoem com o seu fluxo interno, com o ritmo acelerado do seu corpo. A compreensão da noção de centro da cidade e centralidade faz com que os grandes centros urbanos possuam grandes fluxos momentâneos de pessoas, onde os habitantes de um bairro existem em função do seu centro. A cidade também possui seu tempo, a arquitetura está diretamente associada às épocas.

“A matéria não está exposta no espaço, indiferente ao tempo; não subsiste nele como alguma coisa que se gasta e se dispersa. Não é apenas sensível aos ritmos: existe com toda a força do tempo, no plano do ritmo, e o tempo em que ela desenvolve algumas manifestações delicadas é um tempo ondulante.” (BACHELARD, 1988, p.119)

Os ritmos, os objetos e os acontecimentos existem, mas o tempo e o espaço são invenções do homem.

*“E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper
Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser”
(BANDEIRA, 1970, p.21)*

E por entre a multidão nosso caminhante continuou a andar, permeando em meio às malhas, aos tempos, as interconexões diversas. O ar que entrava em seus pulmões fazia o seu interior estremecer. Seu corpo fervia com o calor do movimento ao seu redor. Seu sangue corria mais rápido em suas veias. O ritmo frenético das pessoas ao seu redor fez com que ele acelerasse seus

passos sem perceber. Adentrou rapidamente ao ritmo do lugar. Sua mente tagarelava e se lembrava de tudo ao mesmo instante. Ele perdia rapidamente parte de sua identidade e se tornava parte do ritmo intenso. Foi quando avistou a Borboleta Amarela.

“Em certo momento desceu até perto da minha cabeça, como se quisesse assegurar-se de que eu a seguia, como se me quisesse dizer: “estou aqui”. (BRAGA, 1952, p.2)

O caminhante adentrava ao fluxo, interagiu com ele e depois saía. Fazendo parte desse movimento, pode experimentar os diferentes ritmos da cidade e perceber as variações de seus ritmos internos. Os movimentos robóticos ao seu redor geraram sensações diversas no seu interior e foi assim que ele acelerou mais ainda os seus passos. Começava a surgir um desejo interno de fuga, de mudar o tempo interno e de acalmar o tempo externo. Então, ela se foi.

“(...) minha borboleta amarela sumiu. Ergui-me do banco, olhei o relógio, saí depressa, fui trabalhar, providenciar, telefonar... Adeus, pequenina borboleta amarela.” (BRAGA, 1952, p.3)

Mas o sentido de evasão do nosso caminhante continua, passo a passo, experiência a experiência, passando nos capítulos seguintes por questões dos diferentes pontos de vista, habitar e construir, a experiência de se perder, os diferentes movimentos e ritmos e os devaneios das asas do caminhar.

***“A cidade não é feita disso,
mas das relações entre as medidas de seu espaço
e os acontecimentos do passado.”***

Italo Calvino

4. ARQUITETURA DO VÔO

A Borboleta Amarela encontra novos ares, passeia pelos objetos construídos do valor da arquitetura na cidade, convidando o nosso caminhante a trilhar outros percursos, buscando novas reflexões.

Ela nos conduz para uma dimensão diferenciada dos movimentos e dinâmicas sonoras da grande cidade e para ares que se condensam em arquitetura, em multiplicidade de percepções.

Uma das percepções que nosso caminhante se depara andando pela calçada é a sensação de estar sendo observado. Ao sentir isso, percebe a dialética de ser imagem objeto, do observar e do ser observado. E então começa também a observar. Lá estava ela, uma senhora, olhando pela janela. Observadora do alto, de fora do tempo espaço da cidade. Olhava os fluxos e os personagens em seu silêncio. Quantos propósitos, diversidades, pessoas se misturavam. Tempos internos e externos que se relacionavam a todo momento, passado e futuro coexistindo no instante presente destes observadores e objetos observados. Lembranças e expectativas se conectam nos olhares. A mente sem fronteiras vagueia pela linha do tempo onde todas as dimensões do observador, seja no dentro ou no fora, se fundem e se superpõem em uma só caminhada.

As janelas são como portais, nos fazem adentrar ao espaço interno de algum lugar ou de alguém. Imaginamos algo além do que nossos olhos podem

ver. Transpondo os limites exteriores adentramos a imensidão interior. É quase que um convite a explorar o desconhecido, a imaginar quem ali habitou, que histórias aconteceram. O convite neste caso é o de adentrar ao interior do próximo, ao imaginal. Desta maneira, imaginamos quem são os habitantes daquele local, como caminham pela vida, por que estradas escolheram percorrer.

“O homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior da outra.” (CAROSSA apud BACHELARD, 1990A, p.7).

Essa vontade, para Bachelard, torna a visão aguçante e penetrante, que procura uma única e pequena brecha para adentrar ao oculto, ao mistério, aos segredos. Olhar o físico e enxergar o não físico, uma curiosidade inspetora que a imaginação realiza facilmente. É só alimentá-la com os dados, as ferramentas necessárias, que ela vaga pelo oculto. Na cidade todos esses dados estão disponíveis, numa mistura de elementos, onde escolhemos quais utilizar.

Andar na calçada ou contemplar o fluxo do movimento na janela nos permite viver fora do tempo espaço da cidade e lidar simultaneamente com as diferentes temporalidades, quer internas, quer externas, e que se justapõem e se relacionam.

O espaço de contemplação da arquitetura, no fora e no dentro, se faz presente. Olhar pela janela também é experienciar a cidade, participar dela. Segundo Choay:

“Ninguém gosta de olhar por uma janela que dá para uma rua vazia. Pelo contrário, um grande número de pessoas pode distrair-se durante o dia observando uma rua plena de atividades.” (CHOAY, 1979, p.294).

A cidade possui ‘os olhos da rua’, que são os olhos dos proprietários naturais, dos que ali habitam e participam e também contribuem para a segurança do local.

“A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. (...) A cidade não conta o seu passado, ela o contém como linhas da mão, escrito nos ângulos, nas ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, (...).” (CALVINO, 2003, p.16)

A cidade e seus habitantes compõem uma mistura de temporalidades. Todo traçado e seus elementos têm importância para os que ali passam ou habitam, tudo tem história.

“A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado.” (CALVINO, 2003, p.15)

Quando saímos, percorremos caminhos novos e outros já conhecidos. Em todos os novos passos, existe sempre a descoberta, a volta às memórias e o acesso aos desejos de alma. Podemos olhar para trás e admirar o caminho percorrido; às vezes queremos voltar, mas quando tentamos, sabemos que os passos dados nunca serão os mesmos. O antigo é assim experienciado de uma maneira nova, mesmo que seja rotineira. Nessa volta, podemos ressignificar os passos dados, tornando-os novos internamente, mas não há volta: seguimos em frente, ao encontro do novo.

Experienciar a cidade é vivificar a vida num espaço físico, em submundos que se interagem como uma teia, onde tudo é possível. Possuímos infinitas possibilidades de escolhermos nossos caminhos, onde os passos nunca se repetem. Seremos sempre novos caminhantes a cada dia, a cada instante. Onde temos a *“(...) valorização da experiência pessoal, do próprio percurso como a trajetória de um pensamento.”* (JACQUES, 2003A, p.9)

4.1. O habitar e o construir

Caminhar é também sair e voltar para casa, experimentar diferentes nuances do habitar, caminhos e experiências, fronteiras e limites, permeabilidades: descobertas.

Sáímos e voltamos. Diferentes caminhadas sempre nos levam a algum retorno, reencontramos algum lugar fixo, onde podemos nos sentir estáveis. Essas nuances são partes conhecidas do ser que habita, mas que sempre são redescobertas e revivenciadas.

Estar em casa é reviver, é reintegrar-se para novas caminhadas, reviver o fixo, relembrar o estável. Voltar para casa também é lembrar-se de si mesmo, recordando a sua essência e seu potencial:

“O lar fica ali onde está o coração” (SAMS, 1951, p. 289)

A casa não possui apenas um presente, possui também um passado, ela é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, lembranças e sonhos dos homens. É nela que as recordações estão guardadas. Segundo Bachelard, o princípio de ligação dessa integração é o devaneio:

“O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele usufrui diretamente de seu ser. Então, os lugares onde se viveu o devaneio reconstituem-se por si mesmos, num novo devaneio. É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós.” (BACHELARD, 1993, p. 26)

Quando habitamos cada vez mais a morada interna-da-alma e externa-da-casa, o ser parece reintegrar suas partes, unificando-se. O ser que habita está sempre em constante mudança, em reformas. Reforma da alma, do físico, da mente e do espírito. Desconstruindo vários aspectos do ser, conceitos e preconceitos, para então reconstruir. A partir das experiências vividas, reintegramos partes do nosso ser anteriormente perdidas, retornamos à nossa essência. Continuamos a caminhada por várias sendas, várias escolhas, nos perdendo e nos encontrando. Aceitando e compreendendo a instabilidade e o movimento da vida, caminhamos.

A arquitetura, o ser e o ente se co-relacionam, onde *“a obra de arte é primordialmente um ente: Todas as obras têm este caráter de coisa. (...) A obra tem origem no artista e este também tem sua origem na obra, porque alguém só é artista pelas obras que fez”.* (PULS, 2006, p.464). O princípio da arte está na arte: *“a arte não tem origem, mas é origem na sua própria essência”* (PERNIOLA apud PULS, 2006, p.464).

Nosso caminhante segue seu percurso do centro do Rio até o aterro. Visualizando a praia, ele se lembra do tempo que já passou. Do que era e o que é hoje. As paisagens urbanas construídas a partir da intervenção da mão do homem são capazes de modificar o panorama das cidades, e estão diretamente associadas aos elementos que interagem com ele. Assim, a paisagem é modificada, intervinda e interagida. As imagens se fazem aos olhos de cada época. Mutações: Mútua ação de valores que se modificam no tempo e também o espaço urbano.

E o nosso caminhante chega ao museu e se surpreende por dentro as asas do MAM. Intervenção que resiste entre as épocas. União entre racional e poética onde permeiam impulsões, num gesto de criação da paisagem. Contornos de luz e sombra moldados à plástica e à imaginação.

“(...) uma coisa pura, tinha luz e ar e pousada em frente ao mar. (ANDRADE, 2000, p.24)

Forma material e imaterial que toca em poucas partes o solo. Flutua, dando asas à imaginação. Ocorre a desmaterialização da forma e dos materiais construtivos. O imaginário se perde na contemplação da imensidão que adentra ao longínquo do oceano.

“Para compreender, sentir e amar alguma obra é preciso se lançar no centro, no coração, no ponto em que tudo se origina e toma sentido.” (BACHELARD, 1993, p.344)

Um dos pontos em que a arquitetura se originou foi o de dar abrigo ao homem. Segundo Heidegger o construir pertence ao habitar (PULS, 2006, p.469),

da forma e só chegamos ao habitar por meio do construir. Nem todas as construções são moradas, mas todas abrigam o homem. As habitações não são garantia de que ali existe um habitar. *“O não sentir-se em casa deve ser compreendido existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”* (HEIDEGGER apud PULS, 2006, p.470).

“Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. (...) Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar. (...) Construimos à medida que explicitamos nosso projeto de vida (...) Construir é edificar lugares... (...) A essência do construir não é a produção industrial de espaços, mas a construção de lugares: A essência do construir é deixar-habitar” (PULS, 2006, p.471).

A arquitetura possui a capacidade de dar significado aos ambientes a partir da criação de lugares. O habitar é o ideal que se impõe no construir. O fundamental desse habitar está no desenvolver o abrigo de sua essência, de sua alma. Habitamos à medida que conduzimos nossa essência na caminhada da vida.

Norberg-Schulz baseado no ensaio do filósofo Heidegger *“Construir, habitar e pensar”* usa o conceito de *genius-loci*, isto é:

“(...) a idéia do espírito de determinado lugar (que estabelece um elo com o sagrado), que cria um ‘outro’ ou um oposto com o qual a humanidade deve defrontar a fim de habitar. Ele interpreta o conceito de habitar como estar em paz num lugar protegido (NESBITT, 2006, p.443)

Ele também traz a importância dos elementos arquitetônicos básicos percebidos como horizontes, fronteiras e enquadramentos da natureza. (NESBITT, 2006, p.443). Ele conecta a essência do homem com a sua localização

de existência na terra. Existe assim o valor da arquitetura através do bem construído.

Martin Heidegger em suas conferências sobre arquitetura, aborda também questões sobre a importância do lugar e dos objetos construídos:

“Os objetos vistos e tocados têm uma espécie de acessibilidade implícita, que, pelo fato de não ser uma propriedade material, como a cor ou o volume, pode facilmente não ser percebida; mas dessa forma apagamos o mistério de como as coisas chegam ao nosso conhecimento – aquilo que as faz tão radicalmente encontráveis. Não só encontráveis, na verdade, mas também inteligíveis, ao menos potencialmente.” (PULS, 2006, p.463)

Juntamente a essas abordagens, Heidegger afirma a importância do ente, o qual não deve ser subestimado pelo ser. Ele mostra que ambos se completam: *“(...) a existência humana é estética no sentido mais fundamental, pois para conhecer o ente o homem precisa deixá-lo ser aquilo que é (...)” (PULS, 2006, p.464)*. Desta maneira, empregamos nossos valores na cidade, mediante fatores diversos, os quais agregados de juízo de valor ocasionam a supervalorização ou desvalorização dos espaços. Ao utilizarmos o espaço nos apropriamos dele. Segundo Bachelard, tanto o interior quanto o exterior são espaços íntimos, entramos e saímos de nós mesmos para nos situarmos em nossa existência (1993, p.221).

Possuímos assim, um espaço íntimo pessoal associado ao nosso corpo e à nossa alma. Ele é íntimo, um território pessoal, o qual vai além dos limites físicos, engloba mais que habitações, pertences. Este espaço também é composto pelo campo que geramos ao nosso redor, o qual contém

todos os nossos pensamentos, sentimentos, questões e percepções, posses, criações e sonhos.

Também podemos construir dentro de nós a noção de território ou lugar, onde nos apropriamos de nós mesmos. E assim, interagimos com o mundo à nossa volta e nos apropriamos também de uma parte geográfica física. De acordo com o momento ou situação, permitimos que outras pessoas adentrem nosso espaço íntimo. Assim, construímos e estabelecemos a noção de limite, definindo o teor de nossas participações na cidade, nossas fronteiras. A partir dessa relação no espaço físico, nos permitimos adentrar aos espaços íntimos alheios, através de um conjunto de relações espaciais entre objetos e pessoas.

Somos seres que ocupam um lugar. Nosso corpo age no espaço e interage com o ele, com o ambiente, situações, pessoas e elementos que o compõem, a partir deste físico. É uma relação que oscila na ambivalência do interior-exterior.

Cada aspecto do mundo manifestado possui seu espaço próprio para poder se desenvolver criativamente. A interação entre esses submundos acontece tramada em uma rede de relações como uma teia, e é por essa teia que nossas jornadas das relações acontecem.

Intervir no espaço urbano é construir espaços que propiciam essa relação interior-exterior. Segundo Japiassu (2006, p. 91), no sentido geométrico, espaço é a contemplação abstrata de um ambiente vazio de todo conteúdo sensível e caracterizado pela continuidade, homogeneidade e

tridimensionalidade. Já para Kant, o espaço é uma *“intuição pura”* ou *“uma forma a priori da sensibilidade.”* Quer dizer:

“não é uma construção no espírito nem tampouco uma realidade independente de nós, mas um dado original de nossa sensibilidade, algo que é construtivo de nosso modo de perceber e sem o qual não poderíamos ter sensações distintas” (JAPIASSU, 2006, p.91).

Assim, sentimos, qualificamos e damos valor aos espaços. Qualificar é intrínseco ao ser humano.

“(…) a qualidade, manifesta uma relatividade de todo o nosso ser. (...) a qualidade conserva o ser de um conhecido, de um experimentado, de um vivido. A qualidade é aquilo que conhecemos de uma substância. (...) O valor da qualidade está em nós verticalmente; ao contrário, a significação da qualidade está no contexto das sensações objetivas – horizontalmente.” (BACHELARD, 1990A, p.62)

Qualificamos à medida que nos colocamos à experienciar, onde imaginamos, pensamos e sentimos. *“Quando a felicidade do imaginar prolonga a felicidade do sentir, a qualidade propõe-se como uma acumulação de valores.”* (BACHELARD, 1990A, p.63) A imagem ideal nos seduz em nossos sentidos, nos faz envolver e sonhar. *“Imaginar uma qualidade é dar-lhe um valor que ultrapassa ou contradiz o valor do sensível, o valor real.”* (BACHELARD, 1990A, p.64) Mas como sabermos o valor real, se a realidade está em contínua mudança, se nossos valores mudam com nossas experiências? *“(…) um sentido é excitado por um outro sentido.”* (BACHELARD, 1990A, p.64)

Construir no espaço sempre abordará a união de elementos visíveis e invisíveis: espiritualidade e materialidade. A arquitetura, como elemento construído é capaz de revelar ao homem a natureza de ambos. Construir associa-se à funcionalidade, mas a verdade implícita em uma construção vai, além disso, como essência, como participação. Limitá-la a seu uso comum é minimizá-la. Intervir na cidade é intervir no que foi, no que é e no que será.

“A utilidade é apenas uma expressão do homem, pois resulta da adequação da coisa ao indivíduo. Já a solidez é uma síntese de homem e natureza, pois resulta de um encontro entre a subjetividade e a objetividade no qual reside o fundamento de todo o artefato.” (PULS, 2006, p.466).

E continuando seu trajeto, nosso caminhante percebia que matéria e forma residem a uma natureza mais profunda. Quando só a utilidade é percebida, o objeto decai a mero utensílio. A intervenção e a construção criam um mundo, sendo algo mais que o palpável e o apreensível.

Toda obra construída possui o reflexo de sua sociedade juntamente com a identidade de que a criou. Intervir e construir no espaço é interagir, em essência, entre os que ali experienciam. O modo como cada um se sente em cada espaço construído, interage diretamente com o seu ser íntimo.

Nosso caminhante se deixava levar pela amarela Borboleta, permitindo-se experimentar, sentir os espaços construídos, os caminhos, os labirintos da cidade, explorando o desconhecido, sem mapas, sem regras, sem programações. Ele se permite estar perdido, ficar a deriva. Deriva como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas, num comportamento

lúdico-construtivo, entregando-se às situações, deixando-se levar por elas no momento em que acontecem. (JACQUES, 2003, p.87). Estar à deriva é experimentar o labirinto.

“A complexidade do labirinto é temporal; quem se perde é aquele que acaba de surgir, que desaparece tão depressa quanto surgiu. (...) Conhecer um labirinto exige nele penetrar, nele se perder, para descobrir as armadilhas do caminho. Em cada escolha a dúvida: Pode ser que sim, pode ser que não. Jamais saberemos se estamos no bom caminho; na realidade não há bom caminho. A incerteza do caminho é intrínseca ao labirinto. O percurso é o próprio labirinto. (...) Para desatar a complexidade do percurso, é necessária uma ausência de objetivo. (...) vagando ao acaso, a dúvida desaparece. São os que duvidam que se perdem.” (JACQUES, 2003, p.86)

Estar no labirinto é estar desorientado, é se perder. Segundo Bachelard:

“Em nossos sonhos somos às vezes uma matéria labiríntica, uma matéria que vive estirando-se, perdendo-se em seus próprios desfiladeiros.” (BACHELARD, 1990, p.162)

Estar em estado labiríntico é acessar *“as perturbações inconscientes antes dos embaraços da consciência clara” (BACHELARD, 1990, p.162)*. Se não acessássemos essa dimensão inconsciente, não ficaríamos nervosos ao estar perdidos em uma simples esquina.

“Temos medo de nos perder, sem jamais nos termos perdido.” (BACHELARD, 1990, p.162)

O labirinto produz imagens de estreitamento, de opressão, de profundidade. *“O espaço do indivíduo apreendido em sua primitividade é um corredor onde desliza a vida, vida que está sempre crescendo,*

aprofundando-se. (BACHELARD, 1990, p.184) Nele, hesitamos estranhamente estar no meio de um caminho único. Imagens contrastantes que unem o labirinto ao sonho e à vida, despertam e mostram que o indivíduo que o experimenta, fica preso entre um passado bloqueado e um futuro obstruído.

“Compreenderíamos melhor a experiência imaginada do labirinto se nos lembrássemos de um dos princípios da imaginação (...) a imagem não tem dimensões definidas; a imagem pode passar sem dificuldade do grande para o pequeno.” (BACHELARD, 1990, p.175)

Quando adentramos ao labirinto, experienciamos mais que o nosso corpo ‘labirintado’ no espaço. E quando saímos, experimentando o ‘estar de volta’, podemos querer nos perder novamente, experienciar o ir e vir, o descer e subir. E era assim que o nosso caminhante sonhador se sentia ao experimentar os labirintos da cidade.

“ (...) o labirinto é o espaço sensorial, e “o espaço é real porque ele afeta meus sentidos, antes de afetar minha razão.” (JACQUES, 2003, p 93)

Muitas vezes no labirinto, temos dúvidas e já não sabemos se entramos ou não, pois nele não existe começo nem fim, são sensações de experimentar que nos conduzem ao caminho a ser explorado. Assim, temos a relação do interior-exterior como a própria experiência. A sensação de se perder, se deixar levar está implícita na experiência labiríntica. Quando nos perdemos e entramos em um labirinto, nosso eixo de orientação se desvia.

“Antes de ser forma, o Labirinto é um estado sensorial. Antes de ser espaço, é um caminho. Antes de ser, deve tornar-se Labirinto” (JACQUES, 2003, p.84)

O labirinto não é o espaço seguro e, sim, desorientado de quem se perdeu no caminho. Ele é o espaço que traz a experiência. Existe um mistério no labirinto: os caminhos que se encontram possuem sempre formas diferentes. Nele não é possível se ter um mapa traçado, nem um plano ou projeto a ser realizado. Talvez possamos experienciar a sensação de estarmos presos ou sem saída.

“A verdadeira prisão não é o labirinto, mas o próprio projeto. Este é ainda pior do que o mapa, pois o mapa, ao contrário do projeto, pode ser feito a posteriori; o projeto corta o devir, todas as possibilidades e transformações possíveis. Segundo Bataille, o projeto “é jogar a existência para mais tarde”. O projeto é o inverso da experiência, é a antecipação do mapa, a vista do alto do cume da pirâmide, a visão total, ou seja, a impossibilidade da experiência do labirinto. A teoria transforma os atores, participantes, em simples espectadores.” (JACQUES, 2003, p.93)

O projetar afasta o caminhante da experiência, desatreia a expectativa, o imprevisto, faz com que os planos e projetos venham à tona. Em oposição à razão, a experiência se torna obscura e temida. Os sentimentos e as sensações são ampliadas, a insegurança em não se ter o plano completo, a visão do todo traz o medo e a ansiedade de buscar a saída. O labirinto traz a experiência imediata. Por este ponto de vista, temos dois tipos de caminhantes: o planejador e o experienciador. E o nosso caminhante experiencia as duas formas à medida que desvenda os lugares.

Por vezes, quando nós somos os caminhantes, e então saímos para caminhar, para devanear, para se perder, experienciar novos lugares e

explorar o desconhecido, somos motivados pelo desejo de nos movimentarmos, de experimentar o novo, o desconhecido. Ao explorar estes desejos, acessamos também os nossos medos inconscientes de explorar novos caminhos. Quando viajamos, migramos, ou nos mudamos, estamos experienciando essas sensações mais de perto. O migrar provoca rupturas sociais e emocionais. Sempre que há um deslocamento, deixamos para trás traços, laços e vestígios da própria vida e da identidade. Criamos então novas relações e novas identidades, enfrentamos o desconhecido, nos reintegramos e formamos novos valores.

As contradições se fazem presentes ao mesmo momento: a vontade de explorar o desconhecido e o medo de 'cair' em algum lugar indesejado. Mas há sempre um retorno, um caminho novo para o lar. De volta à nossa casa interna e à nossa casa física, habitamos a nossa morada e nos sentimos seguros. Habitamos assim, com uma parte do nosso eu que deseja a estabilidade dentro do movimento constante da vida. Habitamos nossas vontades, perspectivas e desejos. Habitamos o nosso ser com informações diárias e planos de chegar a um determinado ponto, mas habitamos a nossa alma? Às vezes nos perdemos, outras, nos deixamos perder, experienciamos sensações e sentimentos, onde a razão e a emoção se misturam. Ao nos perdermos, escolhemos caminhos errados que talvez não quiséssemos trilhar, mas quando nos encontramos, percebemos a importância de todos os caminhos trilhados e valores agregados às experiências.

As variáveis tempo, espaço, corpo e movimento associadas ao ser trazem as diversas identidades dos caminhantes. O movimento é diversidade, é instabilidade, é mudança. E é essa vontade de mudar que nos impulsiona e é animada por imagens simples e vivas. Vivemos e morremos a cada ciclo. No crescer, florescer, estar vivo, gerar, criar, vivemos situações que nos permitem colocar a teoria, na prática. Subimos e descemos. Experimentamos a consciência plena e elevada e depois voltamos à terra.

Somos um laboratório itinerante. O corpo humano é um aparelho de experiências e, nesse recipiente, são feitas as de maior valor.

“Nós somos seres profundos. Ocultamo-nos sob superfícies, sob aparências, sob máscaras, mas não somos ocultos apenas para os outros, somos ocultos para nós mesmos. (...) E a profundidade é em nós, (...), uma transcendência” (BACHELARD, 1990, p.197)

Vontades e desejos oriundos de seres encarnados num tempo-espaço único, os quais vivenciam ciclos, caminhadas, percursos de vida. Quando ansiamos, desejamos algo, os caminhos se abrem e então, escolhemos adentrar neles ou não. Podemos caminhar em diversas estradas ao mesmo tempo, com uma temática em cada uma. Somos seres experimentais, vivemos no laboratório da vida. Somos cientistas que buscam descobertas e temem o desconhecido. A experiência de nos perdermos permite lembrar essa busca interna de trilhar o caminho certo.

Assim, nosso caminhante continuava. Pensava, sentia e agia. O pensamento é uma forma de energia muito sutil, ele não conhece distâncias, viaja pelo mundo e percorre o universo rapidamente. Agir é movimento, é

experiência, Às vezes pensamos diferente do que sentimos e agimos. É como se trilhássemos caminhos distintos dentro de nós mesmos. O pensamento percorre para um lado enquanto o sentimento e a ação, para outro. A partir do momento em que alinhamos esses três percursos em uma só estrada, o horizonte se cobre de certezas. Neste caso, o labirinto é aquele que o ser percorre dentro de si próprio.

É possível que nos percamos. Se isto ocorrer, entramos nas incertezas de novos caminhos. A errância urbana nos leva a adentrar às praticas labirínticas da cidade e desta forma, nos é permitido escolher qualquer caminho, seja ele qual for, não sem valor mas, conscientes das escolhas e oportunidades existentes.

4.2. Compassos e mutações

Por um instante o nosso caminhante achou que a Borboleta havia sumido, foi quando ele a avistou pousada numa roda. Por onde será que ela gostaria de ser levada? Rodas que fluem e se movimentam ritmadamente, seguindo em frente, seguindo o fluxo da jornada. Transitando o movimento, o momento, o ritmo.

Ao caminharmos, interagimos com diversos tipos de movimento à nossa volta. Andares, olhares, automóveis, bicicletas, etc. A diversidade dos movimentos é um reflexo da variedade das relações de tempo-espaco; eles

são compartilhados e inter relacionados. Na mesma variedade, existe o parar, a pausa, o repouso, os quais também têm seu valor. A ausência do movimento enfatiza a transição e diversidade de momentos, de instantes, de escolhas. Transições de movimentos, de ritmos, fases distintas num desenvolvimento qualquer. Saímos da inércia e experimentamos o novo de uma forma diferente, contraditória em si.

“O ser interior tem todos os movimentos.” (MICHAUX appud BACHELARD, 1990, p. 45)

A realidade está em contínua alteração, nada é fixo e determinado. “O real é por natureza dinâmico, e sua essência é o movimento.” (JAPIASSU, p.190). Tudo foi ou será diferente neste momento. Movimento é a mudança de realidade.

Possuímos um ritmo de imaginar, de interagir entre os mundos. *“Impulso e vibração são duas espécies de dinâmicas bem diferentes quando as experimentamos em seu andamento vivo.” (BACHELARD, 1990, p.67)*

“(…) quando a imaginação põe em nós a mais atenta das sensibilidades, nos damos conta de que as qualidades representam para nós mais devires do que estados.(…) Dada a sua sensibilidade, entre o não bastante e o demasiado, uma imagem jamais é definitiva, ela vive em uma duração oscilando, em um ritmo. Todo valor luminoso é um ritmo de valores. E esses ritmos são lentos, entregam-se precisamente a quem quer vivê-los lentamente, saboreando o seu prazer.” (BACHELARD, 1990, p.69)

Nossas qualificações e sensações são temporais, associadas diretamente ao momento. Por vezes queremos revivê-las e experimentá-las novamente, mas cada instante é um momento único, que não se revive.

Apenas se relembra-o, viajando a um tempo vivido, onde resgatamos aquele momento que passou. O cérebro vivencia o passado de maneira nova, com valores novos. Também acessamos mentalmente e sensorialmente as lembranças, os cheiros, os momentos. Isso qualifica as experiências.

Nosso caminhante virou mais uma esquina e avistou uma criança, que distribuía sorrisos para todos que passavam. Sorrisos leves e desimpedidos dos acontecimentos de ontem e afazeres de amanhã. Refletiu sobre a felicidade contida no momento presente, no estar, no ser. E logo a retribuiu com alegria.

“(...) esta é apenas uma das muitas estradas que naquela manhã se abriam para mim.” (CALVINO, 2003, p.13)

A mudança seja ela de perspectiva, ponto de vista, atitudes, sentimento ou emoções, nos leva a um ponto onde nunca estivemos e influencia nossas ações; tudo está em estado de mudança de fluxo. Não veremos as coisas amanhã da mesma maneira em que vimos hoje. Tudo muda o tempo todo. Há algo profundo dentro de nós que consegue perceber e conceber esta mudança constante das coisas. (IYENGAR, 2001, p.133). Resignificamos nossos valores com o que experienciamos na vida, juntamente com os aprendizados adquiridos.

Já quando mudamos o nosso ponto de vista, mudamos também nossas perspectivas, nossa escala. As mesmas relações continuam acontecendo no mesmo espaço, mas a lente e os filtros com os quais visualizamos, são capazes de mudar completamente o olhar. Essas lentes e filtros acontecem

nas camadas conscientes e inconscientes do ser, podem ser formadas a partir de conceitos pré estabelecidos, ensinamentos, cultura, valores pessoais.

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.(...)”
(CAMÕES, 1993, p.146)*

Quando caminhamos, as variações do espaço físico e da natureza são partes ativas do percurso, como o dia e a noite, as modificações do tempo, dentre outros. Quando, por exemplo, encontramos um canto de sombra, este pode evocar-nos os tremores da noite, da alma que sonha nas profundezas, ou a solidão, a negação do universo.

“(...) o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade.” (BACHELARD, 1993, p.146)

Esta imobilidade externa pode ser contrária ao movimento interno, onde tudo se agita, tudo formiga. A agitação é multiplicidade e multiplicidade é ação. Agitação íntima. Entramos em conflito íntimo de princípios materiais, combatemos interna e externamente, ao menor pretexto.

Vamos em busca de núcleos internos de escuridão secreta, possuindo signos de perturbações profundas, que anseiam por encontrar a luz. Quando sonhamos em profundidade, despertamos emoções profundas e, um único borrão, um único bueiro é capaz de nos levar aos fantasmas. Lutamos com nossos personagens internos, somos síntese de qualidades contraditórias, somos integração de muitos em um.

Entramos em noites escuras da alma, num momento, que acontece a qualquer período de tempo onde o caos e a confusão reinam sem interrupção. Experiências sem nenhum alívio visível e previsível. Nestes períodos somos forçados a reavaliar os pensamentos, sentimentos, e saber o que continuamos a carregar e o que deixaremos para trás. Assim, ajustamos a realidade que nos cerca, à verdade interna, para depois encontrar novamente a luz

Assim, nosso caminhante vive permeando-se entre mundos, entre percepções variadas das experiências da vida e do espaço. Segundo aborda Bachelard em seu livro *A Terra e os Devaneios do Repouso* (1990, p.59), os mundos da expressão são experimentados em três divisões: *Umwelt* – O mundo ambiental, que nos cerca e nos oprime. *Mitwelt* – O mundo do inter-humano. “o mundo dito real, o mundo percebido em evidência, com princípios da imaginação material” e *Eigenwelt* – O mundo pessoal, mundo dos fantasmas pessoais. Fermentamos esses três mundos em nosso laboratório interno, somos seres em experiência, experimentamos o mundo e as relações e inter relações à nossa volta. Caímos, conflitamos, voltamos, andamos, paramos, nos perdemos e nos encontramos, em espaços físicos, em relações de tempo, em corpos, em momentos. Formigamos a vida itinerante dentro da embarcação denominada corpo humano.

***“Imaginar é ausentar-se,
é lançar-se a uma vida nova.”***

Gaston Bachelard

5. A POÉTICA DAS ASAS

O pedestre sonhador buscou o novo, em trajetórias com rumos inesperados. Nosso caminhante e a Borboleta encontram-se numa evasão aérea, poetizando e devaneando caminhos.

“Entrar em contato com o que existe de mais profundo, de mais verdadeiro nas coisas do mundo e, assim, buscar o significado que nos une a elas.” (FARAH, 2008, p.17)

As imagens que se apresentam à nossa frente não são as mesmas que se formam no nosso interior. Essas imagens percebidas estão misturadas ao nosso olhar em particular, o qual difere de pessoa a pessoa. Dentre muito ao redor, nosso olhar ressalta e destaca uma parte de um todo, atribuindo-lhe significados, valores, lembranças e memórias.

“A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte (...)” (CALVINO apud FARAH, 2008, p.30)

Nesse novo trajeto, o caminhante deparou-se com uma grande árvore, meio à multidão. Árvores pouco vistas no corre corre da cidade. Ele sentou-se num pequeno banco para observá-la. Linda árvore, grande ancestral. Tanto tempo ali, no mesmo espaço, crescendo em direção ao sol e ao vento e para baixo, com suas raízes para a terra. E ensinando sobre os ciclos, sobre o tempo de germinação, sobre morte e renascimento, dando abrigo aos seres de

asas, e sombra ao seres de patas e pernas. Ele olhou seus pés e imaginou raízes, pensou em si e no universo que o sustentava nessa caminhada da vida.

“(...) os dias felizes estão entre árvores, como os pássaros.”
(MEIRELES apud FARAH, 2008, p.105)

Os galhos se balançavam com a brisa que surgia num movimento em conjunto. Ele observou como os galhos se conectavam: onde um dava origem a outros e, assim, sucessivamente e rizomaticamente. Rizoma como ruptura de uma síntese racional. Da mesma maneira que funciona a estrutura dos pensamentos: um único objeto dá início a uma sequência de movimentos em cadeia. Ele percebeu e entendeu a ligação do uno com o todo, do movimento em conjunto com os fenômenos que acontecem interligados. Observou que o universo parecia se comportar como um emaranhado de relações e interconexões de espaços físicos e não físicos, interagindo a todo momento.

“Sem cessar, a árvore toma impulso e faz fremir as folhas, suas inumeráveis asas” (SUARES apud BACHELARD, 1990, p.207)

As árvores nos lembram o tempo dos ciclos, o que plantamos, o que colhemos, e o que já minamos para as próximas primaveras e as passadas. Elas são a força que conduz à vida terrestre e ao céu azul. Elas têm formas diversas e divergentes, galhos sinuosos e tortuosos. Flores, frutos, estações, mudanças num ritmo mais lento que o ritmo da cidade e estão sempre em busca de seu equilíbrio aéreo: *“a busca da luz e a dificuldade de manter-se”*
(BACHELARD, 1990, p.209)

*“Quando eu estou entre vocês,
Árvores destes grandes bosques,
Nisso tudo que me rodeia e que por vezes me esconde,
Na sua solidão na qual eu me recolho,
Sinto um grande ser
Que me escuta e que me ama.”
(HUGO, apud FARAH, 2008, p.185)*

O caminhante se sentia como se as vibrações da árvore estivessem penetrando nele. *“(...) o ser, tranquilizado por um simples apoio, mal solicitado por uma vida, imperceptível, sem nada tomar à substância do mundo, se sente do outro lado do mundo, bem perto da lenta vontade geral, em acordo com o tempo certo, estendido sobre a fibra sem nó.” (BACHELARD, 1990, p.212)*

O tempo arbóreo é sempre um tempo lento, calmo e preservante, condensando vida germinal. O simbolismo contido nas árvores faz reverberar dentro de nós a angústia do homem perante a temporalidade de sua época, fazendo com que busquemos desacelerar, nos lembrando dos tempos da Terra e dos ciclos naturais, das estações. Esse vegetalismo cíclico faz com que retomemos momentos vividos juntamente às estações:

“O ser humano incorpora esse tempo vegetante, passa a respirá-lo e a vivê-lo em sua plenitude.” (FARAH, 2008, p.105)

A árvore é sempre um abrigo, no sentido de acolhimento; sentimo-nos amparados e, ao mesmo tempo sustentados, e repousados. No cotidiano urbano, ela oferece aconchego ante a adversidade da cidade. Mas a árvore não traz a segurança da casa. *“A vida na árvore é assim, um refúgio e um perigo” (BACHELARD, 1993, p.217).* A imagem da árvore traz consigo a formação do mundo.

“Se os símbolos se transmitem tão facilmente, é porque crescem no próprio terreno dos sonhos.” (BACHELARD, 1993, p.224)

Desse mesmo simbolismo carregado de luz, também podemos ver a sombra, a queda:

“Falta-nos asas, mas temos sempre bastante força para cair.” (CLAUDEL appud BACHELARD, 1993, p.91)

Em nosso inconsciente *“o medo de cair é um medo primitivo.” (BACHELARD, 1993, p.91)*. Ele está associado ao medo da escuridão. Não há medo em encontrar pessoas, mas medo de não encontrar apoio, acolhimento. É um medo ancestral, ligado às lembranças imemoriais dos enfrentamentos do mundo. *“Mas nunca nos precipitamos no chão” (BACHELARD, 1993 p.92)*. A queda por si só, é rara. *“A queda deve ter todos os sentidos ao mesmo tempo: deve ser simultaneamente metáfora e realidade” (BACHELARD, 1993, p.93)*

As metáforas de crescimento da vida acontecem para cima e não para baixo *“Crescer é sempre elevar-se” (BACHELARD, 1993, p.94)*. A queda cria o abismo e não o abismo é a causa da queda. Há também um desejo de ser precipitado para cima, cair de baixo para cima, no céu como abismo invertido.

“Almas raras conhecem uma vertigem que gira na direção do bem, então começa uma espécie de ascensão incondicionada, a consciência de uma nova leveza. A transmutação de todos os valores dinâmicos determina uma transmutação de todas as imagens.” (BACHELARD, 1993, p.107)

Essas imagens não são só produzidas pelo olhar, mas *“projeções da imaginação dinâmica” (BACHELARD, 1993, p.107)*. Estar embaixo, cair, remete a

pertencermos a dois mundos, um do peso e da sombra e, o outro, da leveza e da luz, numa dualidade que corresponde a um *“bi-realismo do imaginário”* (BACHELARD, 1993, p.108) em dualidade da natureza humana, o ser se alterna entre mundos, entre o céu e a terra.

“É uno actu, é no próprio ato vivido em sua unidade que uma imaginação dinâmica deve poder viver o duplo destino humano da profundidade e da altura, a dialética do suntuoso e de esplendor.”
(BACHELARD, 1993, p.109)

A imaginação une os extremos e nos permite entender que algo em nós se eleva, enquanto algo se aprofunda. Somos a união dos polos, do céu e da terra, num único ser e ato. Ao nos depararmos com esta dualidade, a partir das relações de medo, nos prendemos a laços que nos impedem de cair subitamente no céu.

“Por vezes um ligeiro desequilíbrio, uma ligeira desarmonia rompe a realidade do nosso ser imaginário: evaporamo-nos ou condensamo-nos – sonhamos ou pensamos. Oxalá pudéssemos sempre imaginar.”
(BACHELARD, 1993, p.110)

No ser, tudo é movimentação. A imaginação, razão e emoção misturam-se nos instantes vividos. Em um instante podemos acessar o céu e, no seguinte, voltarmos à terra. Escolhemos, manifestar nossas vontades internas, desejos físicos e outros através das experiências vividas, somos atraídos e repelidos para o aprendizado, a qualquer momento, como movimento da consciência que almeja o céu.

Por momentos desejamos e levamos esse anseio adiante, da forma que quisermos. Subitamente ele pode sumir, perdendo seu valor e dando lugar a

novos passos. Caminhamos nos desapegando dos passos dados, das pessoas, dos lugares, dos desejos antigos, onde estes estavam atrelados a um momento que carregamos pelo tempo que quisermos.

A vida à frente do caminhante, parecia a miniatura de muitos filmes, onde ele selecionava e rememorava as cenas escolhidas: recortes que expressavam seus valores do momento. Que partes deixar? Que partes levar? Em decorrência desses recortes, o devaneio o levava para outras épocas de sua vida. Lembranças se misturavam com o presente e com os desejos para o futuro.

A Borboleta em seu vôo o levou em direção à orla, onde o rumo de sua caminhada lentamente parecia ter ganho um novo ritmo, uma pulsação que correspondia mais ao seu ritmo interno. Ao chegar à praia, colocou seus pés na areia. Eles o conectavam com os elementos da natureza e com o próprio corpo. Ele permitiu olhar e sentir. O horizonte o fazia contemplar a imensidão do mar e o céu azul, a imensidão do seu ser e a integração.

“O céu azul, meditado pela imaginação material, é sentimentalidade pura; é a sentimentalidade sem objeto. (...) que o azul do céu é tão irreal, tão impalpável, tão carregado de sonho quanto o azul de um olhar. Acreditamos contemplar o céu azul. De súbito, é o céu azul que nos contempla.” (BACHELARD, 1993, p.168)

Céu líquido fluente, céu azul consolidado. Ele sentia-se fazendo parte da natureza aérea do azul celeste, onde a unidade da simples cor traz uma leveza do ser, simples e doce. Para o espírito, o céu é a imensidão. E o ser, sonha, poetiza, admira e se perde nessa imensidão.

“O ser que medita é primeiro o ser que sonha. (...) O devaneio encontra-se (..) antes da representação; o mundo imaginado está justamente colocado antes do mundo representado, o universo está colocado exatamente antes do objeto.” (BACHELARD, 1993, p.169)

Assim, o poeta nos mostra que o mundo é o nosso próprio devaneio. Se este movimento não existisse, o ser seria encerrado em suas representações e “*escravos de suas sensações*” (BACHELARD, 1993, p.169), privando-se de seus sonhos, ausentando-se de suas representações. O céu azul aborda uma fenomenalidade sem fenômenos, os objetos são banidos. O céu azul é uma imagem elementar.

O cheiro do mar remetia o caminhante a momentos de interiorização, onde seus desejos íntimos afloravam. Nesse instante, sentia que não havia mais a divisão entre o interno e o externo, ele era um, íntegro com o todo.

“O mundo é grande, mas em nós ele é profundo como o mar.” (BACHELARD, 1993, p.189)

Contemplar a natureza nos coloca em um estado de espírito único, de grandeza, de plenitude, de calma e unidade. Determina “*um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito.*” (BACHELARD, 1993, p.189). Frente à imensidão, podemos ressoar a renovação em nós mesmos. Entramos em contato com a nossa imensidão íntima, onde as lembranças, memórias, devaneios se ativam sem um início delimitado. Ao mesmo tempo que contemplamos o objeto, fugimos, vamos para além dele. O imenso deixa de ser

objeto e acessamos uma fenomenologia sem fenômenos, produzimos imagens sem esperar fenômenos, acessamos o ser que admira. Ele remete-nos à nossa consciência imaginante, “*construindo em nós o ser puro da imaginação pura*”. (BACHELARD, 1993, p.190). Também tomamos consciência da grandeza e a insignificância de nosso ser. Trazemos à consciência que a imensidão está em nós, sentimo-nos expandir, uma expansão da vida, de coisas infinitas, que retomam a unidade do ser. “*A imensidão é o movimento do homem imóvel*” (BACHELARD, 1993, p.190). Acessamos a grandeza oculta, a imensidão interior, a expansão dos sentidos.

*“Eu me crio com um traço de pena
Senhor do mundo
Homem ilimitado. “
(BACHELARD, 1993, p.191).*

Entramos no silêncio que transcende o tempo e espaço. Ouvimos um eco do interior que ressoa a essência do ser. Este espaço estende-se sem limite e o poder da imensidão tem seu valor, não existindo contradição entre o pequeno e o grande.

“Na alma relaxada que medita e sonha, uma imensidão parece esperar as imagens da imensidão. O espírito vê e revê objetos. A alma encontra no objeto o ninho de uma imensidão.” (BACHELARD, 1993, p.196).

É possível encontrar a solidão e a solitude. Respiramos o ar que repousa sobre o horizonte, o ilimitado entra em nossos pulmões calmamente, longe das angústias humanas. Os valores sensíveis são enfatizados e nos conduzem a pontos de sensibilidade extrema.

“Por todos os seres se desdobra o espaço único, espaço íntimo no mundo...” “Quando um espaço é um valor (...) ele cresce.” (BACHELARD, 1993, p.207).

Criamos assim a relação de lugar, a partir dos valores atribuídos a eles. As coisas coexistem conosco no mesmo universo. A partir da nossa existência podemos criar espaços íntimos e simultâneos de devaneios.

“Longamente ausente de mim mesmo, sem estar presente em parte alguma, atribuo com demasiada facilidade a inconsistência de meus devaneios aos espaços ilimitados que os favorecem.” (BACHELARD, 1993, p.208).

Por vezes nos defrontamos com espaços delimitados e, ao os encontrarmos, nos sentimos livres para acessar a imensidão íntima do ser.

Para entrar na fronteira do novo é necessário deixar o que já sucedeu para trás, como os passos que já foram dados, e assim dar espaço para o novo entrar, invadir a alma, impulsionando a criação, viver uma nova caminhada. Quando mudamos o espaço concreto, *“Não mudamos de lugar, mudamos a natureza.” (BACHELARD, 1993, p.210).*

E quando nosso caminhante olhou para o lado, lá estava ela, a borboleta Amarela pousada em seu ombro, tocando o seu ser. Sua entrega o permitiu explorar os ritmos variados, caminhando por diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro, mas desterritorializado, pois ele sabia que esta caminhada poderia acontecer em qualquer tempo-espaço, pois o seu interior e exterior permeavam constantemente.

*“Pois estamos onde não estamos.”
(JOUVE apud BACHELARD, 1993, p.215).*

A geometria existente na dialética do exterior e do interior pode nos abrir os horizontes ou nos cegar, visto que não existem limites palpáveis para concretizar esta divisão, esta geometria implícita no ser, demonstra que não existe certo ou errado, aberto ou fechado, o aquém e o além. Existem metáforas que ligam todos os sistemas.

“Apenas saído do ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Assim, no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim. (...) E que espiral é o ser do homem! (...) Já não sabemos imediatamente se corremos para o centro ou se nos evadimos.” (BACHELARD, 1993, p.217).

Percorrendo caminhos desconhecidos o ser descobre seus limites, suas fronteiras e numa intenção de aprimoramento, vai rompendo-as, volta, retoma, segue adiante, intencionado ao céu, numa espiral de ascensão ilimitada. Por vezes é estando fora de si que o ser encontra o seu âmago, sua essência. “(...) é no âmago do ser que o ser é errante.” (BACHELARD, 1993, p.218). O ser em seu interior, recolhido em si mesmo, digere o seu nada.

Somos espirais em ascensão, em busca do céu, para aprimorarmos e evoluirmos nosso ser e nosso espírito. Caminhamos por estradas devaneantes num ser-espírito sem limite, que exterioriza e interioriza.

“O exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade.” (BACHELARD, 1993, p.221).

O interior e exterior são vividos pela imaginação, numa inversão e reviravolta do ser nessa dialética. O Habitar aqui contempla entrar de novo em si para situar-se sobre a sua existência. Nesse interior, podemos acessar diversas sensações.

“Viver, viver realmente uma imagem poética é conhecer, numa de suas pequenas fibras, um devir de ser que é uma consciência da inquietação do ser”. (BACHELARD, 1993, p.221).

Nesse ser errante, nos deixamos caminhar pela vida. Passar por diversas portas, como fases, entrando e saindo, fechando e abrindo. Habitando espaços e percorrendo trajetos e histórias íntimas do ser efêmero que anseia sempre por novos caminhos. O ser que abre uma porta é diferente do mesmo ser que a fecha. As novas portas que se abrem são como novas estradas a percorrer, sempre detém consigo a curiosidade que tenta o ser, por um desconhecido que não é sequer imaginado. Sensibilizamos o mundo próximo, aguçando os símbolos da vida que caminham passo a passo por novas descobertas, novas experiências, novos caminhos.

Nosso caminhante e a borboleta continuaram a caminhar, ele na terra, ela no céu, habitando a caminhada da vida, por passos ainda a serem dados, construindo e reconstruindo objetivos e vontades entre o nascimento e a morte, entre a terra e o céu, entre o pensar, o sentir e o experimentar. Andando em devaneio, a estrada é poetizada. E foi então que o nosso caminhante simplesmente parou, e a borboleta se foi, seguindo uma nova estrada pelos céus a serem desvendados.

*“O que tento lhes dizer é mais misterioso,
entremeia-se nas raízes do ser,
na fonte impalpável das sensações.”*

Gasquet

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos abordados no decorrer desta dissertação têm sua relevância, pois influenciam diretamente na relação do caminhante com o espaço físico da cidade e com o espaço metafísico do imaginal. A partir de questões como a escolha dos percursos, as tomadas de decisões, fluxos, tempos, mudanças, interrupções e continuidades, dentre outras, entendemos que estes elementos apresentados repercutem diretamente na cidade e no ser que caminha. Assim, essa relação mútua de movimento entre espaço interno-externo influencia e é influenciada pelas nossas escolhas íntimas, fazendo com que adotemos e direcionemos o caminho a ser percorrido.

Cada ser é um universo inteiro a ser descoberto, um mundo a ser compartilhado e o caminhar tem sua relevância nessa descoberta. As coisas materiais são possíveis objetos da consciência, onde a cada momento estamos optando por um desses movimentos, para manifestar a nossa experiência atual. E quem escolhe é o observador, o caminhante. Ele é o espírito dentro do traje do corpo, é a alma dentro da máquina, é a consciência que está dirigindo o veículo. Qualquer informação que processemos, que assimilamos no ambiente, vem sempre com as cores das experiências passadas e de uma reação emocional que temos àquilo que nos é incorporado. Existe uma superposição de caminhos, de faixas de realidade em potencial, até que escolhemos um. Nestes caminhos existem ondas de possibilidades e quando

selecionamos, partículas de experiências. Assim, a particularidade dos diferentes caminhos é explicada a partir dos pequenos conceitos.

A vida física e humana em nosso caminho, a qual se estende entre o nascimento e a morte, é trilhado sobre a Terra e o céu e é experimentada por todos os seres humanos. Cada ser humano que caminha pelo planeta possui seu próprio caminho de vida. Este caminho é criado pelo entrelaçamento das emoções, sonhos, pensamentos e experiências, desde o momento em que nascemos até à nossa morte. Nossas vidas inevitavelmente mudarão de direção à medida em que as experiências e escolhas forem surgindo. Cada decisão que tomamos e cada mudança de percepção podem trazer transformações no curso de nossas vidas, trazendo horizontes e perspectivas novas. Cada vez que alteramos a prioridade, alteramos o caminho. Cada vez que nos permitimos usar a imaginação, mudamos nossa visão de realidade. Cada vez que decidimos mudar de direção, desenhamos e redesenhamos, construímos e reconstruímos nossos estilos de vida, hábitos, necessidades pessoais e objetivos, abrimos e fechamos portas.

O movimento do caminhar na vida sugere mudanças, mas quando e como, varia de pessoa para pessoa. As impressões físicas e não físicas feitas por nossas escolhas mentais, emocionais e espirituais são aspectos intangíveis que pavimentam nosso caminho, permeando o pensamento humano. À medida que nossa percepção dos aspectos da vida à nossa volta vai desabrochando, alcançamos novas formas de ver e sentir o universo e seu entrelaçamento de

cada aspecto da vida. Encontramos nossos caminhos individuais, juntamente com nossas verdades pessoais.

Se você está vivo, está caminhando pela vida. E ela lhe traz sempre novas metas a seguir, com diferentes direções. No entanto todos os caminhos percorridos e a percorrer se encaixam na malha da vida, formando um único percurso que representa a jornada individual de cada um. Os ritmos variam, o movimento varia e sempre podemos escolher se andamos nas pontas dos pés ou com passos fortes e firmes.

*“Conduz-me suavemente ao amanhecer,
Onde meu sonho se transforma em luz,
Unindo-se à radiância do sol,
E espalhando o azul do vôo do meu espírito.*

*Conduz-me de volta ao mundo da vigília,
Com imagens vivas impressas no meu coração,
Segurando os mapas dos caminhos renascidos,
Para que minha vida se transforme em obra de arte viva.”*
(SAMS, 1951, p.43).

7. ANEXO

A BORBOLETA AMARELA

Era uma borboleta. Passou roçando em meus cabelos, e no primeiro instante pensei que fosse uma bruxa ou qualquer outro desses insetos que fazem vida urbana; mas, como olhasse, vi que era uma borboleta amarela.

Era na esquina de Graça Aranha com Araújo Porto Alegre; ela borboleteava junto ao mármore negro do Grande Ponto; depois desceu, passando em face das vitrinas de conservas e uísques; eu vinha na mesma direção; logo estávamos defronte da A.B.I. Entrou um instante no hall, entre duas colunas; seria um jornalista? — pensei com certo tédio.

Mas logo saiu. E subiu mais alto, acima das colunas, até o travertino encardido. Na rua México eu tire de esperar que o sinal abrisse; ela tocou, fagueira, para o outro lado, indiferente aos carros que passavam roncando sob suas leves asas. Fiquei a olhá-la. Tão amarela e tão contente da vida, de onde vinha, aonde iria? Fora trazida pelo vento das ilhas — ou descera no seu vôo saçaricante e leve da floresta da Tijuca ou de algum morro — talvez o de São Bento Onde estaria uma hora antes, qual sua idade? Nada sei de borboletas, nascera, acaso, no jardim do Ministério da Educação? Não; o Burtle Marx faz bons jardins, mas creio que ainda não os faz com borboletas — o que, aliás, é uma boa idéia. Quando eu o mandar fazer os jardins de meu palácio, direi: Burtle, aqui sobre esses manacás, quero uma borboleta amarela... Mas o sinal abriu e atravessei a rua correndo, pois já ia perdendo de vista a minha borboleta.

A minha borboleta! Isso, que agora eu disse sem querer, era o que eu sentia naquele instante; a borboleta era minha — como se fosse meu cão ou minha amada de vestido amarelo que tivesse atravessado a rua na minha frente, e eu devesse segui-la. Reparei que nenhum transeunte olhava a borboleta; eles passavam, devagar ou depressa, vendo vagamente outras coisas — as casas, os veículos ou se vendo —, só eu vira a borboleta, e a seguia, com meu passo fiel. Naquele ângulo há um jardinzinho, atrás da Biblioteca Nacional. Ela passou entre os ramos de acácia e de uma árvore sem folhas, talvez um "flamboyant"; havia, naquela hora, um casal de namorados pobres em um banco, e dois ou três sujeitos espalhados pelos outros bancos, dos quais uns são de pedra, outros de madeira, sendo que estes são pintados de azul e branco. Notei isso pela primeira vez, aliás, naquele instante, eu que sempre passo por ali; é que a minha borboleta amarela se tornava sensível às cores.

Ela borboleteou um instante sobre o casal de namorados; depois passou quase junto da cabeça de um mulato magro, sem gravata, que descansava num banco; e seguiu em direção à Avenida. Amanhã eu conto mais.

Eu ontem parei a minha crônica no meio da história da borboleta que vinha pela rua Araújo Porto Alegre; parei no instante em que ela começava a navegar pelo oitão da Biblioteca Nacional.

Oitão, uma bonita palavra. Usa-se muito no Recife; lá, todo mundo diz: no oitão da igreja de São José, no oitão do Teatro Santa Isabel... Aqui a gente diz: do lado. Dá no mesmo, porém oitão é mais bonito. Oitão, torreão.

Falei em torreão porque, no ângulo da Biblioteca, há uma coisa que deve ser o que se chama um torreão. A borboleta subiu um pouco por fora do torreão: por um instante acreditei que ela fosse voltar, mas continuou ao longo da parede. Em certo momento desceu até perto da minha cabeça, como se quisesse assegurar-se de que eu a seguia, como se me quisesse dizer: "estou aqui".

Logo subiu novamente, foi subindo, até ficar em face de um leão... sim, há uma cabeça de leão, aliás há várias, cada uma com uma espécie de argola na boca, na Biblioteca. A pequenina borboleta amarela passou junto ao focinho da fera, aparentemente sem o menor susto. Minha intrépida, pequenina, vibrante borboleta amarela! pensei eu. Que fazes aqui, sozinha, longe de tuas irmãs que talvez estejam agora mesmo adejando em bando álcere na beira de um regato, entre muitas amigas — e aonde vais sobre o cimento e o asfalto, nessa hora em que já começa a escurecer, oh tola, oh tonta, oh querida pequena borboleta amarela! Vieste talvez de Goiás, escondida dentro de algum avião; saíste no Calabouço, olhaste pela primeira vez o mar, depois...

Mas um amigo me bateu nas costas, me perguntou "como vai bichão, o que é que você está vendo aí?" Levei um grande susto, e tive vergonha de dizer que estava olhando uma borboleta; ele poderia chegar em casa e dizer: "encontrei hoje o Rubem, na cidade, parece que estava caçando borboleta".

Lembrei-me de uma história de Lúcio Cardoso, que trabalhava na Agência Nacional: Um dia acordou cedo para ir trabalhar; não estava se sentindo muito bem. Chegou a se vestir, descer, andar um pouco junto da Lagoa, esperando condução, depois viu que não estava mesmo bem, resolveu voltar para casa, telefonou para um colega, explicou que estava gripado, até chegara a se vestir para ir trabalhar, mas estava um dia feio, com um vento ruim, ficou com medo de piorar — e demorou um pouco no bate-papo, falou desse vento, você sabe (era o noroeste) que arrasta muita folha seca, com certeza mais tarde vai chover etc., etc..

quando o chefe do Lúcio perguntou por ele, o outro disse: "Ah, o Lúcio hoje não vem não. Ele telefonou, disse que até saiu de casa, mas no caminho encontrou uma folha seca, de maneira que não pode vir e voltou para casa."

Foi a história que lembrei naquele instante. Tire — por que não confessar? — tire certa vergonha de minha borboletinha amarela. Mas enquanto trocava algumas palavras com o amigo, procurando despachá-lo, eu ainda vigiava a minha borboleta. O amigo foi-se. Por um instante julguei, aflito, que tivesse perdido a borboleta de vista. Não. De maneira que vocês tenham paciência: na outra crônica, vai ter mais história de borboleta.

Mas, como eu ia dizendo, a borboleta chegou à esquina de Araújo Porto Alegre com a Avenida Rio Branco; dobrou à esquerda, como quem vai entrar na Biblioteca Nacional pela escada do lado, e chegou até perto da estátua de uma senhora nua que ali existe; voltou; subiu, subiu até mais além da copa das árvores que há na esquina — e se perdeu.

Está claro que esta é a minha maneira de dizer as coisas; na verdade, ela não se perdeu; eu é que a perdi de vista. Era muito pequena, e assim, no alto, contra a luz do céu esbranquiçado da tardinha, não era fácil vê-la. Cuidei um instante que atravessara a Avenida em direção à estátua de Chopin; mas o que eu via era apenas um pedaço de papel jogado de não sei onde. Essa falsa pista foi que me fez perder a borboleta.

Quando atravessei a Avenida ainda a procurava no ar, quase sem esperança. Junto à estátua de Floriano, dezenas de rolíngas comiam farelo que alguém todos os dias joga ali. Em outras horas, além de rolíngas, juntam-se também ali pombos, esses grandes, de reflexos verdes e roxos no papo, e alguns pardais; mas naquele momento havia apenas rolíngas. Deus sabe que horários têm esses bichos do céu.

Sentei-me num banco, fiquei a ver as rolíngas — ocupação ou vagabundagem sempre doce, a que me dedico todo dia uns 15 minutos. Dirás, leitor, que esse quarto de hora poderia ser mais bem aproveitado. Mas eu já não quero aproveitar nada; ou melhor, aproveito, no meio desta cidade pecaminosa e aflita, a visão das rolíngas, que me faz um vago bem ao coração.

Eu poderia contar que uma delas pousou na cruz de Anchieta; seria bonito, mas não seria verdade. Que algum dia deve ter pousado, isso deve; elas pousam em toda parte; mas eu não vi. O que digo, e vi, foi que uma pousou na ponta do trabuco de Caramuru. Falta de respeito, pensei. Não sabes, rolínga vagabunda, cor de tabaco lavado, que esse é Pai do Fogo, Filho do Trovão?

Mas essa conversa de rolínga, vocês compreendem, é para disfarçar meu desaponto pelo sumiço da borboleta amarela. Afinal arrastei o desprevenido leitor ao longo de três crônicas, de nariz no ar, atrás de uma borboleta amarela. Cheguei a receber telefonemas: "eu só quero saber o que vai acontecer com essa borboleta". Havia, no círculo das pessoas íntimas, uma certa expectativa, como se uma borboleta amarela pudesse promover grandes proezas no centro urbano. Pois eu decepciono a todos, eu morro, mas não falto à verdade: minha borboleta amarela sumiu. Ergui-me do banco, olhei o relógio, saí depressa, fui trabalhar, providenciar, telefonar... Adeus, pequenina borboleta amarela.

Rio, setembro de 1952

Rubem Braga

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Carlos Drummond de. **Glaura revivida**. Discografia.

(site: <http://letras.terra.com.br/carlos-drummond-de-andrade/1221850/e>)

ARGAN, Giulio Carlo. **A História Da Arte Como História Da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A Poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A Terra e os Devaneios do Repouso: Ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira: Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, Instituto Nacional do Livro, 1970.

BRAGA, Rubem. **A Borboleta Amarela**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1963.

BENJAMIM, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

DUARTE, Cristovão Fernandes. **Circulação e cidade: do movimento da forma à forma do movimento**. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2002.

FARAH, Ivete. **Poética das árvores urbanas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

IYENGAR, B.K.S. **A Árvore do Yoga**. São Paulo: Globo, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein e JEUDY, Henri Pierre. **Corpos e cenários urbanos: Territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUUFBA, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 1997.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MILTON SANTOS. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

MURAD, Carlos Alberto. **A criação no pensamento das imagens**, in PINHEIRO

MACHADO, DENISE B. (org). **Sobre o Urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006.

MURAD, Carlos Alberto. **Fotopoética da paisagem**, in ANAIS do I ENEPEA, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998

NERUDA, Pablo. **Últimos Poemas**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

NESBITT, Kate. (org). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

PEARSON, E. Norman. **O espaço, o tempo e o eu**. Wheaton, E.U.A.: The Theosophical Publishing House, 1967.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PENNA, Antônio Gomes. **Percepção e Realidade**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Mercurio Star LTDA, 1982.

PLUS, Mauricio. **Arquitetura e filosofia**. São Paulo: Annablume, 2006.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Carlos Nelson F. Dos. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Projetos Editores, 1988.

SAMS, Jamie. **Dançando o sonho: Os sete caminhos sagrados da transformação humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1951.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1930.

VELOSO, Cláudia Barbosa Veloso. **A imagem fílmica e poética urbana – Recortes/leituras e trajetos de Wim Wenders**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2006

VENEU, Marcos Guedes. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.3, n.6, 1990. Discografia
(site:http://www.cesjf.br/cesjf/documentos/revista_letras_docs/art_alunos/LIT_LING_PORT/Trilhando_dialogos_com_Baudelaire.pdf)

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.

Contato: gabriella.zubelli@gmail.com